



DOCTRINAREN



DOCTRINAR E VIVER

Todos os recursos provenientes da venda desta apostila, foram doados em benefício das obras assistenciais do Centro Espírita Humildade e Amor.

Juarez Barbosa Perissé
Rio de Janeiro – RJ
Maio – 2001



DEDICATÓRIA

À minha esposa *Maísa*, pela revisão do texto, seu apoio e suas inúmeras sugestões que reduziram, em muito, as diversas imperfeições deste pequeno trabalho, e a todo grupo da Reunião de Assistência aos Suicidas, encarnados e desencarnados, que, misturando sorrisos e lágrimas, têm me mostrado como é maravilhosa a Vida.

E, também, para *Talitha*, *Julianne* e agora o pequeno *Pedro*, que, com seus sorrisos, iluminam a minha vida!

Observando todas essas dádivas que a Vida tem me dado, concluo que Deus deve me amar muito mesmo!

Juarez Barbosa Perissé

ÍNDICE

1. Primeiras palavras
2. O que é doutrinação?
3. Por que a doutrinação?
4. Como Kardec encara a doutrinação?
5. Quais as características do doutrinador?
 - Amor
 - Humildade
 - Autoridade moral
 - Fé
 - Formação doutrinária
 - Sensibilidade
6. Devemos utilizar diferentes recursos?
 - A prece
 - O Passe
 - Evangelhoterapia
 - Ideoplastias
 - Indução
 - Regressão de memória
7. A quem doutrinar?
 - O doente
 - O suicida
 - O homicida
 - O obsessor
 - O louco
 - O lobo
 - O materialista
 - O dirigente das trevas
8. A quem mais são úteis estes trabalhos?
9. Que erros devemos evitar?
 - Tratamento padronizado
 - O hábito de julgar
 - Longos discursos
 - “Você está incorporado num médium”
 - “Você está morto”
 - Confronto
10. Últimas palavras?

1 – PRIMEIRAS PALAVRAS

Desde os primeiros contatos com a Doutrina Espírita, o intercâmbio com o mundo espiritual me fascinou. A possibilidade de conversar com os “mortos” e deles receber orientações com relação à Vida descortinava, no meu modo de ver, horizontes imensos. Pensava, maravilhado, nas implicações de tudo aquilo. À medida que o tempo foi passando e eu comecei realmente a estudar e compreender algumas conseqüências deste contato com o invisível, além de começar a lidar e conhecer melhor as pessoas que chegam à Casa Espírita tentando solucionar seus problemas, conscientizei-me de três coisas:

- A) Como existe Dor nesse mundo!
- B) Esta Doutrina é realmente maravilhosa!
- C) Jesus estava certo. É preciso ter olhos para ver e ouvidos para ouvir!

Este livro é o resultado de cinco anos de trabalho em um pequeno grupo mediúnico que visa prestar assistência aos suicidas, buscando atender aqueles que chegam até nós, trazendo marcas de suas dores, de sua ignorância. Este livro é a síntese do que temos aprendido com os nossos companheiros espirituais que, pacientemente, apesar de nossas reduzidas capacidades, nos orientaram, e orientam, para a consecução do objetivo maior da vida: APRENDER A AMAR. Amar indistintamente brancos e negros, senhores e escravos, algozes e vítimas, encarnados e desencarnados.

Para aqueles que algum dia o lerem, gostaria de deixar a seguinte mensagem. Foram muitas lágrimas vertidas ao contemplar tanta dor, mas as alegrias foram maiores, porque em cada caso a Misericórdia Divina se fez presente, mostrando uma saída. Sob os nossos olhos desfilaram situações terríveis, mas a Luz surgiu sempre, ratificando que a Dor não é eterna e que todos nós estamos destinados para a Paz. Amigos resplandecentes auxiliando amigos ainda escuros. Esta é a imagem da Vida. Somos homens escuros enquanto não aprendemos a Amar verdadeiramente. Fica então o convite para você que lê estas páginas: Trabalhe nesta Seara de Jesus e aprenda a viver o Amor. Pode parecer simples, a princípio, mas vai exigir de nós muito esforço, muito suor e, sem dúvida, muitas lágrimas. Porém, a consciência do dever cumprido, o Amor, oferecer-nos-ão uma Paz interior, um estado interno inexplicável que pode ser expresso poeticamente como dizia Paulo:

- “Não sou mais eu que vivo e sim Cristo que vive em mim”.

Além disso, gostaria de terminar estas primeiras palavras com uma frase de Joanna de Angelis, muito importante para todos aqueles que desejam trabalhar na doutrinação:

- “Se doutrinas, doutrina-te primeiramente, atestando pelos atos que o mais excelente ensino deriva do exemplo vivido no cotidiano”.

2 – O QUE É DOUTRINAÇÃO?

Segundo Aurélio Buarque de Holanda, seria o ato de instruir numa doutrina, ensinar. Como não poderia deixar de ser, a definição é muito abrangente, tornando necessária uma remodelação na pergunta. O que é doutrinação dentro da óptica espírita? Alguns conceitos falsos dificultam a resposta, tais como:

- O processo de doutrinação dos desencarnados ser comumente associado ao de desobsessão dos encarnados. *A doutrinação está longe de ser apenas uma etapa do processo de desobsessão!*
- Acredita-se que o amigo desencarnado possa se convencer e transformar num único diálogo, muitas vezes, monólogo, de alguns segundos. *Não existem palavras mágicas!*

O Espírito comunicante é um Espírito imortal na sua caminhada evolutiva, trazendo anseios e frustrações, às vezes, milenares. Traz a sua estória impressa, sofrendo as conseqüências de seus erros e opções passadas, traz seus problemas que podem ser extremamente variados: é o desejo de vingança contra o inimigo do passado ou do presente, que esteja encarnado ou até desencarnado; o desconhecimento de seu desencarne; o desequilíbrio em função de opções passadas (o suicida enquadra-se, dolorosamente, neste grupo); o processo obsessivo que esteja sofrendo; etc.

Como dissemos acima, não existem palavras mágicas que possam solucionar todos os problemas instantaneamente. Frequentemente, o estado em que se encontra o Espírito incorporado não permite que ele sequer perceba as palavras do doutrinador. Doutrinar nunca será “cuspir” a Doutrina Espírita, de modo a soterrar nossos amigos com conceitos que muito provavelmente, não poderão utilizar naquele momento. No entanto, apesar de todos esses argumentos, observam-se, inúmeras vezes, resultados satisfatórios neste contato com o “invisível”. A primeira consideração que se pode fazer e que vai, certamente, causar certa estranheza é a seguinte:

A DOUTRINAÇÃO É UM PROCESSO MÁGICO

Mas, a palavra “mágico” soa mal aos nossos ouvidos, o que não ocorreria se detalhássemos melhor que mágica é essa. Poderíamos começar falando do maior “mágico” de todos os tempos: JESUS. Ele, com a magia do Amor, consegue através dos séculos, transformar inimigos em amigos, laços de Ódio em laços de Amor. Sim, a magia existente no processo de doutrinação é a magia do Amor. Poderíamos, então, dizer:

A DOCTRINAÇÃO É A APLICAÇÃO DA MAGIA DO AMOR

E como seria aplicado esse Amor? Nesse processo, percebemos a existência de um *diálogo*. O diálogo é, neste momento difícil em que se encontra o nosso amigo, fundamental. Isto nos mostra outro aspecto importante, no sentido de auxiliar nosso esforço para definir doutrinação.

DOCTRINAR NÃO É SÓ FALAR, É, SOBRETUDO, OUVIR

Doutrinação significa doação de tempo e carinho, saber ouvir sem se apressar a fornecer fórmulas para solução desse ou daquele problema. Emmanuel tem uma frase muito interessante sobre a ciência de ouvir que diz: “Aprendamos a ouvir, para auxiliar, sem a presunção de resolver”.

Muito mais poderia ser dito sobre o processo de doutrinação, mas acredito que já tenhamos material suficiente para tentarmos responder à pergunta inicial:

A DOCTRINAÇÃO É O PROCESSO DE TRANSMISSÃO DA DOCTRINA DE AMOR QUE NOS ENSINOU JESUS, SABENDO, SOBRETUDO, OUVIR, SEM SE CONSIDERAR SUPERIOR A NINGUÉM, BUSCANDO SEMPRE AMENIZAR A DOR.

Esta definição assumirá uma abrangência ainda maior, na medida que se discutam os requisitos para o doutrinador, quando se falar da necessária vivência evangélica para o bom desempenho nas tarefas que se desdobrarão à nossa frente. Cada um, com o desenvolvimento de seu trabalho, vai certamente propor uma outra definição. Muitas serão até melhores que a apresenta acima, mas todas focalizarão, necessariamente, os seguintes tópicos: **AMOR, EXEMPLO E SABER OUVIR.**

3 – POR QUE A DOCTRINAÇÃO?

Tendo em vista a resposta obtida anteriormente, surge logo um outro questionamento. Por que devemos nós, encarnados, doutrinar? Estaremos capacitados para tanto? Não seria mais proveitoso deixar essa tarefa para nossos amigos desencarnados? Na verdade, todas as perguntas acima podem ser sintetizadas numa só: Devem os encarnados efetuar a tarefa de doutrinação dos desencarnados? Esta resposta vai variar bastante em função da pessoa que se propuser a analisar a questão. De um extremo ao outro (absolutamente sim ou não), aparecerão pessoas que recomendarão a doutrinação em determinadas circunstâncias. Antes de apresentarmos algumas considerações sobre o assunto (argumentos favoráveis e contrários), gostaria de responder à pergunta dizendo: Eu acredito que a doutrinação é um trabalho muito importante e que deve ser difundido nos Grupos Espíritas que trabalhem segundo as diretrizes kardequianas.

André Luiz em seu livro LIBERTAÇÃO, relata todo um esforço dispendido pela Espiritualidade Superior no sentido de auxiliar um grupo de Espíritos, alguns encarnados, outros desencarnados. No capítulo XV, chegando-se ao clímax do trabalho, Gúbio, o mentor responsável pela tarefa já havia “conquistado” alguns dos hipnotizadores que participavam de determinado processo obsessivo, restando apenas um, Gaspar, que se mantinha alienado. Vamos extrair alguns trechos deste capítulo, de modo a que podemos perceber, através da narrativa de André Luiz, a importância da doutrinação neste caso.

“Gaspar, o hipnotizador, de presença desagradabilíssima pelos fluidos menos simpáticos que emitia, continuava ausente de nossas conversações. O próprio olhar, quase vítreo, incapaz de fixar-nos, dava idéia de paralisia da alma, de petrificação do pensamento (...). Respondia às mais longas e importantes perguntas, através de monossílabos, de modo vago, e demonstrava insistência irreduzível, no setor de flagelação da vítima”.

Diante da situação, André Luiz questiona a Gúbio que responde: “André, há obsessores, marcadamente endurecidos de coração que se petrificam quando sob a influência de perseguidores ainda mais fortes e mais perversos, que eles mesmos (...). Hipnotizado por senhores da desordem, anestesiado pelos raios entorpecentes, perdeu transitoriamente a capacidade de ver, ouvir e sentir com elevação”.

O que fazer, então, para solucionar o problema? Gúbio inspira o marido da obsidiada a buscar o apoio de um Grupo Espírita e ele o faz. Gaspar é encaminhado à incorporação de modo a receber energias vitalizantes que o permitam despertar. André conta: “Reparei que os sentidos do insensível perseguidor ganharam inesperada percepção. Visão, audição, tato e olfato foram nele subitamente acordados e intensificados (...). O hipnotizador gritou e

chorou lamentosamente. Misturou blasfêmias e lágrimas, palavras comovedoras e palavras menos dignas, entre a penitência e rebeldia. Escutando, agora, com aguçada sensibilidade, conversou detidamente com o doutrinador (...) que lhe fez sentir a necessidade de renovação espiritual (...). Depois de sessenta minutos de exaustivo embate espiritual, Gaspar foi conduzido por dois servidores de nossa “equipe”.

E assim, se resolveu o problema. Esta era a única solução? É claro que não, mas certamente, dentro das circunstâncias, era a melhor. Este é um livro muito interessante e que merece ser lido, notadamente por aqueles envolvidos em trabalhos de desobsessão.

É comum ouvir-se que a Espiritualidade dispõe de muitos recursos para a solução dos problemas. Alguns, acreditando fechar a discussão, argumentam que a Doutrina Espírita só surgiu em meados do século XIX e perguntam: O que faziam os Espíritos antes? Para responder esta pergunta poderíamos lembrar que a anestesia nas cirurgias só foi colocada em prática em meados do século XIX, e antes se operava. É só uma questão de escolher a melhor opção. Podia-se dar a volta ao mundo em cavalos, agora se dispõe de aviões supersônicos. Iluminava-se com querosene, hoje temos a eletricidade. Continuamos com o querosene, os cavalos e a operação sem a anestesia? Devem nossos amigos evitar sempre a utilização dos encarnados?

No livro MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, encontramos mais uma situação onde os mentores espirituais utilizam os recursos existentes numa reunião mediúnica para a assistência a diversos Espíritos em desequilíbrio. Do capítulo VI extraímos o seguinte trecho: “Não obstante a eficiência de métodos tão apreciáveis, mesmo no recinto do Hospital (...) existiam aqueles que não haviam conseguido reconhecer ainda a própria situação com a confiança que era de esperar. Permaneciam atordoados, semi-inconscientes, imersos em lamentável estado de inercial mental, incapacitados para quaisquer aquisições facultativas de progresso. Urgia despertá-los. Urgia colocá-los com a revivescência de vibrações animalizadas a que estavam habituados, tornando-os capazes de algo entenderem através da ação e da palavra humanas! Que fazer, se não chegavam a compreender a palavra harmoniosa dos mentores espirituais, tampouco vê-los com o desembaraço preciso, aceitando-lhes as sugestões caridosas, muito embora se materializassem eles quanto possível, a fim de mais eficientes se tornarem as operações?”.

E os mentores partiram, então, à procura de um Grupo que oferecesse condições apropriadas para o tratamento desses nossos amigos. Muitos Grupos Espíritas são visitados, os médiuns “cadastrados”, avaliados, e se definiu o grupo mais adequado. Esta passagem nos mostra que devemos sempre buscar aprimorar nossas capacidades, de modo a nos tornarmos cada vez mais úteis aos nossos amigos.

O apoio dos encarnados não é, obviamente, imprescindível (nossos amigos dispõe de diversos recursos), embora muito importante, e depende fundamentalmente do que podemos oferecer, no nosso ainda acanhado leque

de virtudes. Outra passagem relatada por André Luiz no livro MISSIONÁRIOS DA LUZ (cap. XVII) ilustra bem isso. Uma mãe angustiada recorre a Alexandre, mentor responsável pela instrução de André Luiz neste livro, pedindo seu apoio na doutrinação de Marinho, sacerdote quando encarnado, que ainda permanecia ligado às forças das Sombras. Marinho já havia sido doutrinado anteriormente sem muito sucesso. Porém, diante da insistência da mãe dizendo que seu filho encontrava-se diferente, e dos arranjos já acertados (o grupo mediúnico já preparado), Alexandre concorda. André Luiz pergunta o porquê da necessidade da doutrinação junto aos encarnados e recebe a seguinte resposta: “Não é um recurso imprescindível. Temos variados agrupamentos de servidores do nosso plano, dedicados exclusivamente a esse gênero de auxílio. As atividades de regeneração em nossa colônia estão repletas de institutos consagrados à caridade fraternal, no setor de iluminação dos transviados (...). Em determinados casos, porém, a cooperação do magnetismo humano pode influir mais intensamente, em benefício dos necessitados que se encontrem cativos das zonas de sensação, na Crosta do Mundo. Mesmo aí, contudo, a colaboração dos amigos terrenos, embora seja apreciável, não constitui fator absoluto e imprescindível; mas quando é possível e útil valemo-nos do concurso de médiuns e doutrinadores humanos, não só para facilitar a solução desejada, senão também para proporcionar ensinamentos vivos aos companheiros envolvidos na carne”.

Manoel Philomeno de Miranda mostra em seus livros, inúmeros casos de doutrinação de desencarnados por encarnados. São casos de desobsessão, de assistência a espíritos imantados em determinadas situações, são sofredores... Diversos autores falam da importância deste trabalho. Hermínio Miranda nos oferece inúmeros exemplos em seus livros:

- Histórias que os Espíritos contaram (pág. 104): “Fala-me de Jesus! Fala você que é um homem para ver se eu entendo! Ele me falou (referindo-se a um dos amigos espirituais), mas me pareceu um anjo falando de outro. Não entendo a sua linguagem”.
- O Exilado (cap. VIII): “Eu pedi para vir aqui. Sabe por que? Porque aqui, com os senhores, é como se eu me sentisse humano entre os humanos, pessoas que compreendem que eu tenho essas falhas, gente com a qual eu não tenho vergonha de falar. Lá, eu fico com vergonha. Todo mundo tem Fé. Eu penso: Abro a boca e sou uma incongruência, porque não tenho nada para contribuir ali. Pelo menos aqui sinto que os senhores me entendem”.

- A Irmã do Vizir (pág. 35): “Pedi licença aqui a seus amigos para agradecer aos senhores. Estamos reunidos há tanto tempo, esperando por ela, mas não tínhamos meio de chegar a ela (...). Temo-la acompanhado há muito tempo, mas não conseguíamos tocar a corda do coração para fazer com que ela se desligasse (...). Tantos outros esperam os seus amados e, embora os amemos, não temos como chegar a eles, não temos como quebrar o bloco de gelo que colocam a sua volta”.

Podemos então concluir, baseados nestas referências, que:

- Os mentores espirituais dispõem de recursos além da incorporação / doutrinação;
- Este recurso é extremamente valioso em diversos casos;
- É fundamental a preparação do Grupo mediúnico;
- Muitas vezes os Espíritos em desequilíbrio não conseguem perceber a presença dos amigos espirituais, mas vêm e conversam com os encarnados.

Respondendo, então, à pergunta, podemos dizer que a Doutrinação dos desencarnados é um recurso muito valioso que oferece a nós oportunidades imensas de aprendizado e de auxiliar nossos irmãos em dificuldades. Esta oportunidade ratifica a certeza de que somos todos irmãos independentemente de raça, cor, sexo, religião e até de estarmos “vivos”. Os “mortos” podem ajudar os “vivos”, assim como os “vivos” podem ajudar os “mortos”. Devemos, então, nos capacitar cada vez mais para executar de forma adequada o nosso papel. Sim, devemos trabalhar na doutrinação uma vez que precisamos colaborar neste esforço para diminuir o sofrimento no mundo, estejam as pessoas encarnadas ou não.

4 – COMO KARDEC ENCARA A DOCTRINAÇÃO?

Ao tratar das diversas formas de obsessão no cap. XXIII de O LIVRO DOS MÉDIUNS, Kardec alertou quanto à necessidade de intervenção, em alguns casos, de uma pessoa que, pelo magnetismo ou pela ação da vontade, promova a desobsessão, destacando, ainda, neste mesmo capítulo, a importância da ascendência moral desta pessoa. E assim ele atuava. Nas páginas da REVISTA ESPÍRITA, encontraremos muitos casos nos quais o próprio Kardec ou seus seguidores atuaram no mister desobsessivo, utilizando a doutrinação.

Destacamos abaixo alguns casos interessantes, dentre os muitos existentes, que podem ser encontrados na REVISTA ESPÍRITA:

- A Educação de um Espírito (Dez / 1860);
- Fredegunda (Jan / 1864);
- Cura de uma jovem obsidiada de Marmande (Jun / 1864);
- Nova cura de jovem obsidiada de Marmande (Jan / 1865);
- Cura de uma obsidiada em Barcelona (Jun / 1865).

A questão do auxílio dos desencarnados pelos encarnados é uma constante preocupação para Kardec e o livro O CÉU E O INFERNO mostra isso. Ele entendia que os desencarnados encontram-se mais acessíveis à moralização que os encarnados, já que não possuem mais a máscara e o escudo da carne. Em jan / 1866 chegou a escrever, referindo-se ao diálogo com os desencarnados: “A habilidade consiste em saber tomá-lo pelo seu caráter, dirigir com tato as instruções que lhe são dadas”.

Busquemos, porém, o comentário de Erasto publicado na REVISTA ESPÍRITA de jul / 1865 sobre a questão do diálogo com os desencarnados: “Por que (os desencarnados) não escutam os seus guias do espaço e esperam os ensinamento dos homens? Porque é necessário que os dois mundos, visível e invisível, reaja um sobre o outro e que a ação sobre os humanos seja útil aos que viveram (...). É uma dupla corrente, uma dupla ação, igualmente satisfatória para esses dois mundos, que estão unidos por tantos laços”.

Em O LIVRO DOS MÉDIUNS, já citado, Kardec na quinta pergunta do capítulo XXIII obtém a seguinte resposta dos Espíritos no que se refere à questão levantada acima: “Os Espíritos perversos se aproximam antes dos homens que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível. Nessa aproximação dos humanos, quando encontram algum que os moralize, a princípio não os escutam e até riem dele, depois, se aquele os sabe prender, acabam por se deixar tocar. Os Espíritos elevados só em nome de Deus lhes podem falar e isto os apavora. O homem, indubitavelmente, não dispõe de mais poder que os Espíritos superiores, porém, sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros e, ao verem o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o céu e a terra”.

5 – QUAIS AS CARACTERÍSTICAS DO DOUTRINADOR?

Emmanuel costuma dizer que na ausência de enxadas em bom estado, a Espiritualidade costuma usar as enxadas enferrujadas existentes, para “arar” os corações ainda tão endurecidos. Não é o ideal, mas é o que se dispõe para a execução do serviço. O mesmo ocorre no trabalho de doutrinação. Somos enxadas enferrujadas pelo longo tempo em que ficamos inoperantes, deixando que nossas más tendências tomassem conta de nossas atitudes. Trazemos alguns talentos enterrados como o servo da parábola e ainda não nos propusemos realmente a colocá-los a serviço do Mundo, multiplicando estes talentos e minorando a dor existente.

Além disso, o mesmo mentor nos alerta que, para este trabalho de implantação do Amor nos corações dos homens, o que se busca não é a santidade, já que esta não existe entre nós. Ele destaca, inclusive, o fato do trabalho ser o elemento que nos permite transcender nossos limites e adequar, cada vez mais, nossas ferramentas para melhor executá-lo. Diante do exposto, a nossa situação e a de nossos mentores torna-se clara: Somos ferramentas imperfeitas, mas somente a prática do Bem nos desenvolverá. Nossos amigos vão nos auxiliar, conscientes de que, com o nosso exercício constante na Seara do Bem, conseguiremos consolidar dentro de nós, tudo aquilo que temos estudado acerca da Doutrina Espírita e da Moral Cristã, que a Doutrina tem como objetivo reviver. O que se observa é que nossa negação sistemática em trabalhar interrompe o ciclo normal de desenvolvimento do Espírito, que necessita do exercício, da prova, para estabelecer de forma sólida, a transformação de seu mundo íntimo e o fortalecimento de sua fé.

Desta forma, o quadro formado fica sendo o seguinte: precisamos do trabalho para nos desenvolver e nossos mentores necessitam de nossa ajuda, mesmo imperfeita, para sua atuação em planos mais materiais. Vamos tentar analisar, agora, quais das nossas “características” devemos observar com mais preocupação, lembrando sempre que o processo evolutivo, dentro do estágio que nos encontramos, é um processo consciente. Ninguém vai acordar de manhã, “evoluído”, ninguém vai conseguir disciplinar suas más tendências sem um esforço organizado.

A primeira etapa que surge para o doutrinador que deseja tornar-se uma ferramenta mais adequada é, sem dúvida, a da auto-análise. Santo Agostinho, na pergunta 919 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, nos exorta a nos conhecermos melhor e nos aconselha a agir da seguinte maneira:

- Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém teria motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma.

De posse deste conhecimento, ou seja, conhecendo o que deve ser trabalhado dentro de nós, devemos agir, despertando em nós, os germens destas virtudes que se encontram em estado latente, já que, por ocasião da nossa criação, o Pai imprimiu em cada um de nós, as matrizes que fazem com que todos tenhamos como destinação final, a Paz.

Com o desenrolar dos trabalhos de doutrinação, acompanhando os dramas, as dores, as incompreensões e conflitos íntimos dos amigos que chegarão até nós, sentiremos uma necessidade crescente de nos tornarmos melhores para podermos ajudar mais. Perceberemos, de forma muito objetiva, como algumas de nossas preocupações são pueris, como valorizamos coisas sem sentido diante do Infinito que nos espera. Partilharemos de dores gigantescas e nos esqueceremos de nossas próprias dores. Nos consolaremos ao observar o consolo que os amigos que se encontravam em desequilíbrio experimentam sob a influência do Evangelho.

Agora, traçaremos algumas características importantes para o bom desenvolvimento da tarefa. Essas características dificilmente existirão isoladas, e só separadas com fins didáticos para acentuar este ou aquele procedimento. Não existe, no nosso modo de ver, característica mais ou menos importantes. Devemos colocar em prática as que já possuímos e buscar as demais. São elas as seguintes:

- **AMOR**
- **HUMILDADE**
- **AUTORIDADE MORAL**
- **FÉ**
- **FORMAÇÃO DOUTRINÁRIA**
- **SENSIBILIDADE**

AMOR

Ah, o Amor! Tão decantado em prosa e verso, tão propalado ao longo de todos os tempos e dos lugares, e, ainda, tão pouco compreendido e vivido. Muitos tentaram nos mostrar a força Amor. Jesus ensinou que o Amor cobre uma multidão de pecados e exemplificou isto. Gandhi destacava que o Amor de um neutraliza o ódio de milhões.

Podemos falar sobre o Amor, lembrar nomes de pessoas cujas vidas foram exemplos de Amor ao próximo, mas nunca poderá ensinar à Amar. Na verdade, a epopéia humana, em síntese, trata do esforço no sentido de se aprender a Amar, de desenvolver nossos sentimentos. Cada um traz uma estória toda sua, vivências diversas, apresenta expectativas diferentes. Não existem, portanto, regras exteriores que nos ajudem a Amar os outros.

Algumas considerações, porém, podem ser feitas, que talvez, nos ajudem a formar uma visão da Vida que facilite este esforço. Não são coisas transcendentais, mas que muitas vezes esquecemos:

- Somos todos irmãos, filhos do mesmo Pai;
- Fomos criados simples e ignorantes;
- Temos como destinação final o Bem;
- Nossa caminhada depende de nosso esforço;
- Ninguém fica ligado eternamente ao Mal.

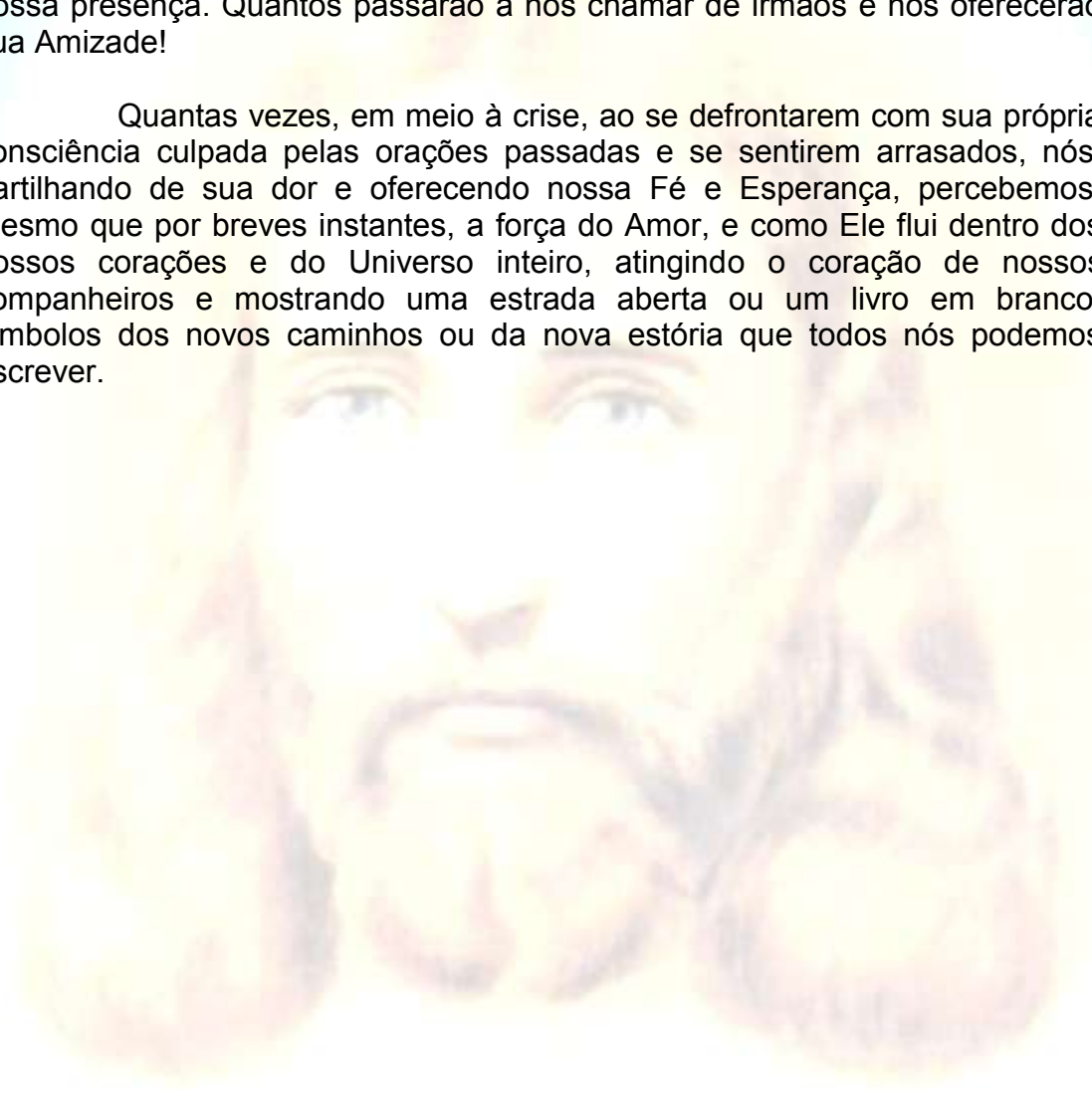
Como já dissemos antes, não se pode ensinar a Amar. O trabalho junto aos encarnados ou desencarnados, ouvindo seus problemas e participando de suas dores, auxiliando-os, na medida de nossas possibilidades a encontrar a solução para suas dificuldades, misturando nossas lágrimas e sorrisos, oferece, sem dúvida, um campo imenso para Amar. Veremos, então, que após séculos de encarnações sucessivas, não possuímos apenas uma “pedra” no lugar do coração. Com o passar do tempo, fomos desenvolvendo nossas virtudes, e se hoje ainda não somos exemplo de cristãos que cultivam o Amor ao próximo como o são Irmã Dulce, Madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier e tantos outros, já apresentamos uma certa experiência no Amar.

No princípio, preocupávamos-nos apenas conosco, com o passar dos milênios, passamos a nos ocupar, também, com nossos familiares e hoje, já começamos a esboçar este Amor Universal de que nos falou Jesus. Esse Amor capaz de renunciar a tudo, capaz de Amar os inimigos, capaz de oferecer sempre novas oportunidades. Aliás, como faz o nosso Pai.

Na doutrinação, muito mais importante que utilizar palavras bonitas, conceitos complexos ou frases de efeito, é conseguir transmitir sentimento, e estabelecer uma ligação com o amigo que chega em dificuldades, agredindo ou sofrendo. O Amor rompe a cortina de desespero que alguns de nossos amigos trazem ou, até, as grossas camadas de “gelo” criadas por outros, com o objetivo de se afastarem do sofrimento e que acabam por afastá-los do Sentir.

Muitas vezes se conseguirá “chegar” até eles sem se pronunciar uma só palavra. Eles vão sentir nossa preocupação, nosso desejo de ajudar. Muitos passarão a se sentir seguros com nossa amizade, com o nosso apoio, com a nossa presença. Quantos passarão a nos chamar de irmãos e nos oferecerão sua Amizade!

Quantas vezes, em meio à crise, ao se defrontarem com sua própria consciência culpada pelas orações passadas e se sentirem arrasados, nós, partilhando de sua dor e oferecendo nossa Fé e Esperança, percebemos, mesmo que por breves instantes, a força do Amor, e como Ele flui dentro dos nossos corações e do Universo inteiro, atingindo o coração de nossos companheiros e mostrando uma estrada aberta ou um livro em branco, símbolos dos novos caminhos ou da nova estória que todos nós podemos escrever.



A HUMILDADE

Como já foi dito e repetido anteriormente, virtudes não se ensinam. Não se pode explicar a ninguém como ser Humilde. Poder-se-á, até, mostrar situações exteriores, procedimentos de algumas pessoas, porém, as sensações interiores, as cargas emocionais que cada ato carrega não podem ser transmitidas. A Humildade nunca deverá ser confundida com a subserviência. Ser Humilde não é “abaixar a cabeça” e deixar que os pontos de vista dos outros se imponham. Ser Humilde é lutar por aquilo que se acredita, mantendo sempre a certeza de que somos irmãos e que nossos conhecimentos e capacidades, diante do infinito, são pequeninos. Ser Humilde é saber ouvir. Ser Humilde é dimensionar corretamente o nosso potencial e respeitar o dos outros. O superdimensionamento leva ao orgulho e o subdimensionamento, à subserviência. Ambos são ruins.

No trato com os desencarnados será muito importante um real dimensionamento das nossas capacidades. É importante lembrar que o trabalho não é, nem nunca poderá ser encarado, como um confronto. Não são nossas capacidades colocadas contra as de uma outra pessoa. Isto se tornará bastante claro no caso de Espíritos que se manifestam sofrendo, mas nem sempre se reagirá da mesma forma no caso daqueles que chegam cheios de si, agredindo. O doutrinador, assim como todo o grupo, deve estar ciente das capacidades destes Espíritos e tratar a todos com igual respeito. O equilíbrio tem que estar presente, nem orgulho, nem subserviência. As “derrotas” deverão ser aceitas com naturalidade e nos encontraremos, algumas vezes, diante de intrincadas questões propostas por pessoas extremamente capacitadas intelectualmente, mas que, infelizmente, ainda não aprenderam a importância do Amor.

Quantas vezes nos defrontaremos com questões do tipo: “Quem você pensa que é?” Ao assumirmos um posicionamento também agressivo, a conversa terá assumido um rumo completamente inadequado. Isto pode até interessar àqueles que chegam em desequilíbrio, ofendendo, tentando transformar o diálogo em contenda, mas isto *NUNCA* poderá ser aceito por nós. À pergunta: “Quem você pensa que é?”, poderemos responder: “Um amigo que tenta ajudar” ou algo semelhante e, deste modo, conseguiremos cortar no nascedouro, o desejo de “duelar” que esses amigos, muitas vezes, trazem.

Outras vezes, ocorre o oposto. Manifesta-se o Espírito e este trata de elogiar o trabalho do doutrinador e do grupo. Fala de nossas capacidades, do poder que temos nas mãos. Quantas vezes dirão: “Vocês estão perdendo tempo neste trabalho. Vocês têm o mundo todo!” E seguirão dentro desta linha de raciocínio. O doutrinador deve ter muito cuidado nestes momentos. Muitos apresentarão propostas e desejarão “negociar”. Vejamos, agora, um caso interessante onde ocorreu esta situação.

O Espírito se manifestou propondo um acordo (ver detalhes no item EVANGELHOTERAPIA). Falou do poder que existia nas mãos dos participantes do trabalho e ofereceu uma série de vantagens: proteção, aparelhagem, conhecimento, etc. Estava disposto a negociar e só queria de nós, a não interferência nas atividades que estava desenvolvendo. E enfatizava que seu trabalho não tinha nada a ver com os trabalhos que desenvolvíamos. A resposta do grupo o deixou um tanto desconcertado. O grupo se dizia incapaz de negociar, por entender que todos os que se encontravam ali, eram participantes da tarefa e que o “negociador” a ser contatado era Jesus. Não podemos *NUNCA* esquecer disto.

Situações como esta ocorrem freqüentemente num grupo organizado e coeso. Servem para demonstrar que o trabalho tem atingido alguns objetivos, mas funciona, sobretudo, como um sinal de alerta, nos mostrando a importância de nos conscientizarmos de que o trabalho como um todo não nos pertence, somos trabalhadores da Seara do Mestre e, portanto, devemos atentar para a posição importante, mas Humilde, que ocupamos.

AUTORIDADE MORAL

Kardec em “O LIVRO DOS MÉDIUNS” fala da importância da autoridade moral no trabalho de desobsessão/doutrinação. Ele lembra que a real autoridade, a que faz que sejamos atendidos por aqueles que estão criando dificuldades, não é decorrente da hierarquia, ou provocados por discursos bonitos, e sim a moral. Esta autoridade será sempre cultivada pela nossa maneira de viver, pelas nossas ações no mundo e pela direção que imprimimos aos nossos pensamentos.

Jesus, ao voltar do Tabor, encontrou seus discípulos às voltas com um “endemoniado” que não conseguiam curar. Nesta ocasião, Jesus falou da falta de Fé (ver próximo item) e da necessidade da oração e do jejum. Dentro do trabalho de doutrinação, o jejum a que Jesus se refere é muito importante. Este jejum representa o esforço para dominarmos nossas más tendências, o resistir às tentações. Com o desenvolvimento deste trabalho, com o nosso crescente comprometimento com as pessoas (somos responsáveis por quem cativamos), este jejum assume proporções mais amplas.

Chegamos, então, a um aspecto fundamental deste trabalho. O doutrinador precisa se conscientizar de que o trabalho não se limita ao horário da reunião. Ele se estende por todo o dia e, até a noite, durante o sono. Somos acompanhados durante parcelas expressivas do nosso dia, nossas atitudes são observadas e analisadas. Assume, desta forma, uma dimensão ampla, a necessidade da vigilância. Diziam os antigos: “Onde quer que vá, mil olhos o observam”. Paulo de Tarso escreveu aos Hebreus (12:1): “Estamos cercados por uma nuvem de testemunhas...” O doutrinador será sempre alguém muito visado por aqueles que desejam destruir determinado trabalho. Isto não ocorre em função de suas capacidades (ele não é necessariamente o mais capaz do grupo), mas devido ao fato dele ser o porta-voz, o representante do grupo, aquele que externa o ponto de vista dos participantes, reunidos à sombra do Evangelho de Jesus.

Numa determinada ocasião, manifestou-se o chefe de uma organização que vinha perdendo gradativamente seus filiados. Estava muito revoltado e dizia:

- “Eu vou falar o ‘podre’ de cada um agora! Eu sei da sua vida, da sua, da sua... (e ia apontando para cada um dos participantes da reunião). Vocês não são santinhos, não! Eu gastei foi tempo, sondando, sondando. Andando atrás de um, de outro. Coloquei muita gente atrás de vocês! (e dirigindo-se ao doutrinador) Sei da tua vida todinha!”.

E o diálogo se desenrolou durante um bom tempo. Ele voltaria a dar notícias, e hoje, passado quase um ano, está iniciando um trabalho junto ao grupo que ele havia atacado, buscando reconstruir tudo aquilo que ajudou a destruir.

Isto não significa que devemos esperar a perfeição para iniciar o trabalho, mas, certamente, devemos estar conscientes da grande responsabilidade que repousa em nossos ombros. O pré-requisito não é a perfeição, mas o esforço em busca do equilíbrio, em busca da implantação do Reino de Deus em nossos corações. A tarefa é muito gratificante. Recebemos, sem dúvida, muito mais que oferecemos, embora não possamos esquecer de que “mil olhos” nos observam e que será muito bom encararmos qualquer colocação, podendo dizer: “Sim, meu amigo, eu sei que carrego ainda muitos problemas e vícios do passado, mas, no presente, tenho trabalhado, tenho me esforçado para praticar o Bem, tentando auxiliar àqueles que cruzam o meu caminho. Você, que me tem acompanhado, tem observado isso?”



FÉ

Jesus, em suas conversas com seus discípulos, freqüentemente falava da importância da Fé. Dizia, até, que uma Fé do tamanho de um grão de mostarda, ou seja, pequenina, era capaz de mover montanhas. A Fé adquire, por isso, proporções inimagináveis no nosso trabalho, no contato com o mundo invisível. Lidamos com forças muito poderosas e o que sustenta o grupo é a ação da equipe espiritual que funciona em harmonia com a equipe material. Eles nos envolvem e amparam, protegendo-nos das ações externas e nos oferecendo condições para o desenvolvimento da tarefa.

A Fé, dentro da tarefa que executamos é fundamental e demonstra o entrosamento existente entre as equipes material e espiritual. É esta confiança plena que nós dá forças para resistir às pressões daqueles que chegam, julgando-se ainda superiores. Devemos lembrar sempre que não estamos sozinhos, que a ajuda se faz presente no momento preciso e na forma adequada.

Numa determinada ocasião, um Espírito, acompanhado de dezenas de outros, “tomou” a sala onde se desenvolvia a reunião mediúnica, de assalto. Tinha o aspecto assustador segundo a descrição dos médiuns que o perceberam. Após algum tempo, manifestou-se dizendo:

- “Quero ver vocês tirarem mais alguém de nós. Basta um grito meu para eles invadirem isso aqui. Ah, que ódio eu tenho dessas duas de olho grande (as médiuns)!”.

Continuou com suas ameaças, tentando intimidar o grupo. Utilizou os mais diversos artifícios. Aos poucos, porém, foi cedendo, mudou o tom de voz e a reunião voltou a transcorrer tranqüilamente.

Numa outra oportunidade, no curso de uma manifestação mais violenta, houve um certo desequilíbrio, logo contornado. Um dos mentores do trabalho manifestou-se ao final de reunião, algo contrafeito, falando da importância da Fé. Dizia:

- “Que os porta-vozes do Mal falem sobre destruição, sobre domínio da reunião, eu compreendo. Não posso compreender a vacilação da Fé de vocês”.

E realmente estava certo. Estamos em todos os instantes recebendo provas e mais provas da Misericórdia Divina, da presença constante de nossos amigos ao nosso lado, sustentando-nos na luta. O quê mais podemos querer? Estejamos sempre alertas para que nossas vacilações não venham a comprometer o trabalho. Mantenhamo-nos atentos, ligados aos planos mais elevados da Vida, confiantes, porque: Se Deus está conosco, e neste trabalho Ele sempre estará, quem estará contra nós?

FORMAÇÃO DOUTRINÁRIA

Não estamos nos referindo aqui a pessoas com GRANDE conhecimento doutrinário, a verdadeiros “doutores” da Lei, mas à necessidade de um domínio dos conceitos básicos da Existência de Deus, Sobrevivência e Imortalidade da Alma, Reencarnação e etc. Devemos estar familiarizados com os meandros da Lei de Causa e Efeito para entender determinados problemas e poder agir convenientemente, auxiliando o companheiro que chega. Precisamos saber os limites entre o que pode e o que não pode ser alcançado. Não existem mágicas e o doutrinador precisa estar ciente disso e capacitado para acompanhar o esforço que nossos mentores estão efetuando para atingir o objetivo do trabalho, que será, sempre, o de minorar o sofrimento.

No livro DIÁLOGO COM AS SOMBRAS, Hermínio Miranda lembra que “doutrinar, sobretudo, é esclarecer, e não podemos prestar esclarecimento sobre aquilo que desconhecemos”. Daí ser, também, de fundamental importância uma certa familiaridade com o Evangelho. A mensagem de Jesus, a vida daqueles que resolveram seguir o Cristo, será manancial do qual poderemos nos abastecer para os diálogos que irão se desenvolver. Jesus exerce um “fascínio” fantástico, impressionando a todos, desde aquele que chega pedindo ajuda até o que se julga um mestre entre mestres.

Diferentemente dos demais itens deste capítulo, a Formação Doutrinária pode ser alcançada através do estudo e oferecerá material muito rico e importante para nossa Vida. Podemos e devemos estudar. E estudar sempre. Estudaremos por toda a nossa vida e pela Eternidade a fora. Não existe fim para nossas necessidades de aprendizado. O conhecimento adquirido, cada detalhe, nos poderá ser extremamente útil na consecução de nossos objetivos no trabalho de doutrinação.

Muitos, porém, poderiam argumentar que o conhecimento doutrinário não é o realmente importante. Poderíamos, então, de nossa parte, perguntar, como já nos foi perguntado inúmeras vezes por aqueles que incorporam: “Por que você faz este trabalho? Por que não deixa este trabalho para os desencarnados?” Ou, então, algo do tipo: “O que vocês oferecem que eu não tenho aqui?” Se não tivermos argumentos para responder estas ou outras perguntas, poderemos, algumas vezes, perder a oportunidade de ajudar alguém.

A Formação Doutrinária será, primordialmente, um sustentáculo para nossa sempre vacilante Fé, ao nos mostrar como a engrenagem do Universo funciona, como nos enquadrados dentro do trabalho que desempenhamos e, sobretudo, como agir para oferecer àqueles que se encontram confusos, essa Doutrina de Amor e Paz que Jesus nos trouxe e que a Doutrina Espírita busca reviver e explicar.

SENSIBILIDADE

Em cada reunião que participamos, encontramos situações novas, pessoas trazendo problemas distintos, umas cultivando dores e outras buscando trazer a discórdia, visando desequilibrar o trabalho. Estes dois exemplos de situações extremas, não conseguem expressar, senão palidamente, a gama de casos com que nos defrontaremos. São doentes, suicidas, loucos, homicidas, obsessores e etc, que “desfilarão” a nossa frente. Todos apresentarão, porém, uma característica comum: a necessidade de serem ajudados.

O doutrinador, tendo em vista o leque de situações que vai enfrentar, deverá desenvolver sua capacidade de discernimento a fim de assumir a postura correta em cada caso. É lógico que a presença do Amor e a expressão dele, sob a forma de palavras carinhosas, deverá estar sempre presente. Mas, o Amor não prescinde de Energia quando alguns destes nossos amigos descambam para a indolência ou o derrotismo. Quantas vezes o doutrinador terá que mostrar a alguém que se julga completamente destroçado, incapaz de qualquer reação, que cada um de nós traz um potencial imenso dentro de si e que precisa ser movimentado para que possa encontrar a Paz!

Numa certa ocasião, manifestou-se um Espírito dizendo-se preso. Estava numa cela escura, sem portas ou janelas, amarrado a uma cadeira. Havia sido torturado e dizia-se cego, além de reclamar do cheiro forte e desagradável que sentia. Desenvolveu-se o diálogo e ele não questionou (como são intrincados os cainhos da doutrinação!) a conversar “dentro” da cela, onde se julgava só. Através da indução começou a se modificar o quadro, substituiu-se o cheiro forte e desagradável pelo cheiro de éter, retiraram-se as cordas que o “prendiam” à cadeira, abriu-se uma fresta numa “janela” onde a luz penetrou. Diante do quadro que se apresentou, desesperou-se. Dizia ter medo de ser flagrado em fuga. Criou-se, então, um impasse que, naquele momento, foi resolvido com a seguinte colocação do doutrinador:

- “Agora é contigo. Você quer ficar aí ou sair conosco? Se você quiser sair, levante e estenda a mão para o amigo que veio lhe buscar”.

Hesitou por alguns instantes, mas logo levantou-se e pediu ajuda.

Deveremos ainda, estar preparados para ameaças e, em inúmeras ocasiões, o destemor do doutrinador será importante! As ameaças variarão desde situações físicas (“Eu vou quebrar a sua perna”) até morais (“Eu estou te acompanhando e sei da tua vida toda”). Existirão pressões de todas as formas e que surgirão até fora das reuniões. Muitas vezes, no início da manifestação mediúnica ou até, pela vidência dos médiuns, antes de iniciar-se a reunião, saberemos que a sala foi “invadida”, que existem verdadeiros exércitos cercando o local e a postura daquele que se manifesta é de domínio e destruição. O doutrinador deverá ser sempre respeitoso e *NUNCA* buscar confronto, mas deverá ser firme na sua Fé, de modo a não vacilar e acreditar

que esses grupos estejam ali sem a permissão e, o que é mais importante na supervisão dos mentores do trabalho. Muitos daqueles que penetram na reunião não mais voltarão para seus sítios de desespero e assim o trabalho de resgate é bastante facilitado.

Esclarecendo-nos uma determinada manifestação onde o Espírito trazia um grupo de Espíritos amarrados, nossos mentores contaram que naquele caso foi permitida a entrada daquele grupo porque, no decorrer do diálogo, na confusão que se estabeleceu na mente de alguns dos opressores, eles conseguiram resgatar da influência deste grupo, diversas pessoas que já demonstravam condições de serem ajudadas.

Não podemos nunca nos esquecer da presença da Misericórdia Divina em nossas Vidas e de que o trabalho que estamos desenvolvendo, na verdade não é nosso, e sim de Deus.

Outro aspecto que não pode ser esquecido é a paciência. Muitas vezes, o doutrinador será visto como o ombro amigo há tanto tempo ansiado e ouvirá uma seqüência de situações difíceis, dolorosas, um rosário de lágrimas. Estas autênticas confissões servirão como a catarse de que estes amigos necessitam e o doutrinador deverá acompanhar estas histórias respeitosa e pacientemente, consciente de que cada delas é verdadeira, foi vivida e sofrida por essas pessoas que chegam até nós, apresentando ainda as marcas dolorosas das conseqüências de suas ações.

No livro DESOBSERVAÇÃO, André Luiz nos orienta que devemos “cultivar o tato psicológico, evitando atitudes ou palavras violentas, mas fugindo da doçura sistemática que anestesia a mente sem renová-la, na convicção de que é preciso aliar raciocínio e sentimento, compaixão e lógica, a fim de que a aplicação do socorro verbalista alcance o máximo rendimento”. Este é o caminho.

6 – DEVEMOS UTILIZAR DIFERENTES RECURSOS?

O contato com o invisível nestes trabalhos de doutrinação não é simples. Ela traz toda uma gama de emoções, conflitos mal resolvidos, desarmonia, desespero. Normalmente, não se encontra receptividade por parte daqueles que chegam até nós. Uns estão tão doentes que nem nos percebem, outros nos encaram como inimigos. Dentre estes, muitos são altamente treinados em diversas técnicas para prejudicar o andamento dos trabalhos. Certa vez, manifestou-se um Espírito, extremamente revoltado, que tentou causar desequilíbrio ameaçando fazer todos vomitarem. Parece uma ameaça tola, mas na verdade carrega um forte apelo psicológico, pois cria constrangimentos e soou extremamente verdadeira num momento em que nos encontrávamos nauseados sob o efeito das pesadas vibrações deste nosso amigo. Ele havia se preparado para isso. Quantas vezes, no decorrer das conversas, eles se referem aos ensaios, à preparação para a incorporação! Frases de efeito são decoradas, artifícios preparados. Não devemos ser ingênuos a ponto de acreditarmos que as Sombras apenas improvisam. Não, eles se preparam e muito. Analisam, inclusive, as características de cada participante do grupo.

O que fazer, então, diante desta situação? Lançar mão de todos os recursos existentes ao nosso alcance para ajuda-los. Pode parecer, a princípio, paradoxal esta situação, mas não é. Jesus nos ensinou separar o pecado do pecador. Devemos combater o erro, objetivando ajudar aquele que se encontra no erro e não prejudica-lo. O que se busca na doutrinação, não é a vitória diante de um confronto que se configurou, e sim, auxiliar pessoas que sofrem. Quem somos nós para termos a pretensão de envolver num debate, inteligências fantásticas? O pensamento que nos move é o do despertar das consciências cristalizadas pelo erro ou desequilibradas pela dor. E para isso, podemos citar o Padre Anselmo de Santa Maria que no livro MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, diz: “Nós nos vemos na preocupação de lançar mão de todos os recursos lícitos para, de algum modo, enxugar as lágrimas desses míseros descrentes que se precipitaram em tão penoso abismo”.

Não existem fórmulas mágicas e isso já foi dito. Não existem amuletos ou receitas. Cada um é uma individualidade, traz uma estória toda sua e será alcançado através de um caminho todo próprio. Um grande amigo nosso conseguiu “despertar” após algumas “semanas” de diálogo, a partir da criação de uma alegoria. Dizia-se poderoso Senhor de muitos. Tentou-se falar do Infinito, mostrar como somos pequenos diante da imensidão do Universo, sem êxito. Como ele falava em poder, o doutrinador criou a seguinte situação hipotética: “Você é como um sapo na lagoa, comendo moscas. É o Senhor da lagoa. Em determinado momento, olha para o alto e vê uma ave, voando no Céu. Qual a sua atitude?”.

Diante da imagem criada tentou argumentar, imaginou situações em que o sapo poderia alcançar a ave no Céu. Não conseguiu. Ele próprio reconheceu-se incapaz de solucionar a questão e retirou-se prometendo pensar. Na semana seguinte voltou, e o diálogo prosseguiu a partir daquele ponto. Havia sido “atingido”, tudo passou a ser questão de tempo, e hoje, é um dos cooperadores do Trabalho que antes combateu.

Outras vezes, nossos amigos são tocados por imagens criadas, cenas de sua vida. Em uma determinada ocasião, nos deparamos com um amigo que se encontrava tão envolvido por seu desespero que não conseguia ser despertado apesar de todo o esforço despendido. Nossos amigos criaram, então, uma cena na qual ele via as oliveiras de sua terra natal, onde havia passado toda a infância. A princípio não acreditou na cena criada, mas foi sendo conquistado lentamente, até ceder aos apelos de Paz que as lembranças lhe ofereciam. Acalmou-se e pode, então, conversar.

É muito importante desenvolver os caminhos da intuição a fim de registrar, com segurança, as orientações e pensamentos dos Benfeitores Espirituais que dirigem as reuniões, como nos alerta André Luiz no livro DESOBSESSÃO. São inúmeros os recursos passíveis de serem utilizados e deveremos discernir qual o melhor caminho a cada instante. Falaremos sobre alguns deles, de modo a que possamos, no nosso dia a dia na doutrinação, dispor de ferramentas que nos auxiliem neste trabalho tão importante. Trataremos, basicamente, dos seguintes recursos:

- A PRECE
- O PASSE
- EVANGELHOTERAPIA
- IDEOPLASTIAS
- INDUÇÃO
- REGRESSÃO DE MEMÓRIA

A PRECE

Todos conhecemos os benefícios da prece, sabemos de sua importância em nossas vidas. Utilizamos-a, constantemente, para agradecer, e recorremos a ela nos momentos de dificuldade. Tentemos nos imaginar sem a possibilidade de buscar a prece nos momentos de dor. Tentemos imaginar a desesperança, o vazio provocado pela falta de fé que se instala nos corações daqueles que se desequilibram nos diversos caminhos que a Vida oferece. Por alguns momentos, procuremos sentir o desespero daqueles que se sentem filhos sem Pai, daqueles que se encontram afastados de Deus. Com isso, obteremos uma pálida imagem da triste situação dos amigos que chegam até nós.

Quantas vezes deparamo-nos com pessoas que não conseguem ao menos pronunciar a palavra Deus! Quantas vezes encontramos nas reuniões mediúnicas, pessoas que não têm condições sequer de ouvir o que estamos falando em função do seu desequilíbrio! Outros que se fixaram tanto na prática do mal que não conseguem mais pensar, ver ou ouvir com elevação. Como ajuda-los? Como abrir caminho até seus corações? A resposta é a prece, mas na situação em que se encontram, não facilitarão em nada esta tarefa. Não conseguirão se lembrar de prece, mas nós podemos utilizar este recurso. A prece, envolvendo estes nossos amigos, será muito mais eficaz que milhões de palavras. Eles não têm condições de orar, mas nós podemos fazer isso por eles. Em alguns casos, eles até nos acompanharão. Uma boa medida é orar colocando-nos no lugar do nosso amigo, falando por ele. Algo do tipo: “Pai, ajude-me. Tenho dificuldades de falar, mas ouve meu coração. Auxilia-me neste momento tão doloroso”.

Ah, os efeitos maravilhosos da prece! Quantas barreiras seculares são rompidas pela força de uma singela prece! Que bálsamo capaz de aliviar as mais atroz dores! Que força tão grande, suficiente para romper quaisquer barreiras, remover quaisquer “montanhas”!

A prece, porém, tem o seu momento, e deve ser, acima de tudo, sentida. O seu poder não reside nas palavras tampouco em sua duração. Cabe ao doutrinador perceber o momento adequado dentro do diálogo que está sendo compreendido ou, até mesmo, na ausência dele. Seja um instante de silêncio na manifestação agressiva, um momento de desespero maior naqueles que se encontram completamente desequilibrados pela dor, seja um relâmpago de entendimento por parte daqueles que se encontram alienados, encontraremos a situação adequada para nos tornarmos intermediários entre esses nossos amigos que, transitoriamente, perderam a capacidade de pensar elevadamente e o Pai.

A prece deverá ser prática comum em nossas vidas. Lembremo-nos sempre de envolver a todos, tenham cruzado com os nossos caminhos ou não. Os efeitos se farão sentir independentemente da distância ou de qualquer outro aspecto, se a prece for verdadeiramente sincera. No livro MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, encontramos referência a um aparelho que sintoniza as preces e as transmite aos doentes que se encontram hospitalizados, lamentando-se apenas a freqüência deste acontecimento: “Infelizmente para nós, porém, tal acontecimento, que tanto ameniza as agruras da solidão em que vivíamos, que seria como refrigerante sereno sobre as escaldantes saudades que nos combaliam a mente e o coração, era raríssimo na quase totalidade do Hospital”.

E quanto ao sentir? As emoções deste momento não podem ser ensinadas e muito imperfeitamente, explicadas. Observar os efeitos da prece, perceber seu poder no socorro daqueles que se encontram em desequilíbrio, é algo que não pode ser traduzido em palavras. Envolver nossos amigos numa prece, porém, é muito mais que orar por eles. É algo como partilhar de suas dores, comungar com seu sofrimento e oferecer a nossa Fé e Esperança. É esquecer, por alguns momentos, todo o Mundo, percebendo apenas a presença de um irmão necessitado, a própria presença e a Assistência Divina, e nesses breves momentos, transcender as próprias limitações, esquecendo-se de si, pensando apenas naquele amigo, buscando fazê-lo perceber Deus sempre presente em nossas vidas.

O PASSE

Quantas vezes se ouve falar que não se deve dar passes em médiuns que estejam incorporados porque isto fortaleceria o Espírito “obsessor”? Em função disso, determinados Grupos não utilizam o passe em reuniões mediúnicas de desobsessão. Este conceito provém de um entendimento incompleto do que é o passe. A idéia pura e simples de uma transferência de energia por ocasião do passe, é por demais simplista. Devemos complementá-la, informando o tipo de energia fornecido. Com relação aos efeitos no Espírito incorporado, ela pode ser excitante ou até calmante. Percebendo isto, poderemos vislumbrar como pode ser útil o passe, acalmando determinados Espíritos que se manifestam extremamente agitados. Muitas vezes, até adormecendo-os.

Em outras situações, o passe pode ser usado para despertar Espíritos que se encontrem adormecidos. O choque com a matéria e a ação do passe consegue retirá-lo do transe em que se encontravam. Existem diversas situações nas quais o passe pode se encaixar, nenhuma, porém, pelos efeitos fantásticos que apresenta, nos surpreenderá tanto quanto a aplicação do passe naqueles amigos que apresentam as mais diversas lesões perispirituais. Cordas vocais dilaceradas pelo veneno corrosivo utilizado no desesperado ato do suicídio, membros amputados em acidentes traumáticos, lesões orgânicas causadas pelo destruidor remorso ao se perceber a quantidade de oportunidades desperdiçadas, sob o efeito do passe, apresentam melhores expressivas. É o magnetismo humano, utilizado pelos cirurgiões do Espaço, no auxílio à reorganização perispiritual.

Outra pergunta, certamente, surgirá. Como, então, diferenciar um passe do outro? O que fazer para aplicar um passe de despertar ou calmante? Uma boa resposta seria o estudo das técnicas de passe. Elas nos serão extremamente úteis neste trabalho. Mas, enquanto não temos este conhecimento não deixemos de utilizar este recurso, pois o direcionamento das energias imposto pelo nosso pensamento, o sentimento, as vibrações que dirigimos ao nosso amigo, fornecerão, com o auxílio de nossos mentores espirituais, as características desejadas à energia transmitida no passe, de modo a se alcançar o objetivo do momento.

Algumas vezes, encontraremos resistências, muitos reclamarão que estão sendo hipnotizados e nos ameaçarão, outros falarão de choques, descargas elétricas que estarão recebendo. Porém, a maioria vai registrar quase que automaticamente os benefícios do passe. Falarão em alívio, da Paz que os invade. Mesmo aqueles que se sentem agredidos, após algum tempo, rendem-se às benesses que o passe impregnado com nossas vibrações de Amor oferece àqueles que se encontram em desequilíbrio.

EVANGELHOTERAPIA

Freqüentemente argumenta-se que apenas uma pequena parte dos desencarnados em desequilíbrio são doutrinados em função do número de médiuns numa reunião, duração dos trabalhos, etc. Este argumento é muitas vezes utilizado até pelos desencarnados. Certa vez, um dirigente das trevas, incorporado, questionou: “Quantos vocês acham que conseguem ajudar numa noite? Cinco, seis...? Nós possuímos centenas, milhares”. Perguntamos a ele, então, porque um trabalho tão insignificante, capaz de auxiliar “apenas” cinco ou seis, o incomodava. E, além disso, acreditávamos (como acreditamos) que o esforço valeria a pena mesmo que se conseguisse auxiliar a apenas um. Não respondeu. Falou do poder, da autoridade, da disciplina e acabou voltando-se para o real problema que o afligia. É um amigo que, certamente, estará logo trabalhando com Jesus, pois sob a espessa máscara criada, apresenta muitos conflitos íntimos que o estão conduzindo inexoravelmente para um encontro consigo mesmo e com o mundo que abandonou há tanto tempo.

Nosso amigo não respondeu a pergunta porque, na verdade, seu argumento não está correto. É errado acreditar-se que o processo de doutrinação se dirija apenas ao Espírito incorporado. Muitos outros são beneficiados. No livro MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, Camilo, o autor, conta que à reunião mediúmica onde foram levados alguns companheiros seus para incorporação, compareceram tanto outros que em volta da mesa foi montada uma arquibancada. Desta arquibancada, eles podiam ouvir as doutrinações e a preleção evangélica que abriu os trabalhos. Ele nos fala que as palavras do dirigente encarnado da reunião pareciam vivas, e as cenas narradas eram plasmadas e acompanhadas por outros eles, na arquibancada.

À preleção acima mencionada, damos o nome de Evangelhoterapia. A reunião onde ocorre a doutrinação dos desencarnados deve apresentar um período inicial onde se discutam temas evangélicos. Nestes momentos serão tecidos comentários, inspirados pelos mentores do trabalho, que já servirão como pré-doutrinação em alguns casos, e, em outros, como verdadeiros bálsamos, aplacando as dores daqueles que ainda necessitam dessa “presença física”, do ambiente dos encarnados. O Evangelho “conversado”, interpretado de acordo com as experiências de cada um, muitas vezes, toca mais profundamente àqueles que estão sofrendo, do que as palestras dos nossos mentores. O efeito da pré-doutrinação citado anteriormente, é, também, muito importante. Em certa ocasião, manifestou-se um Espírito bastante arrogante, falando de seus poderes. Inicialmente ameaçou, dizendo-se capaz de destruir a tudo e a todos. Diante da tranquilidade do doutrinador, foi mudando o tom de voz e o rumo da conversa. Na verdade, dizia, vinha observando o grupo há algum tempo e havia decidido oferecer um acordo vantajoso para ambos. Fez uma oferta, ouviu a recusa do doutrinador que o aconselhou a procurar Jesus, já que ele, o doutrinador, era muito pequeno para fazer acordos e não podia decidir pelo Trabalho como um todo. Foi lembrado que nós éramos participantes do Trabalho, mas o comandante era Jesus. Ficou um tanto desiludido com a resposta obtida, mas prometeu que pensaria na

proposta e voltaria com uma contraproposta. Despediu-se educadamente, recomendou que tomássemos cuidado com os “outros” e partiu. Duas semanas depois, o tema da noite era a parábola dos Trabalhadores de Última Hora. Foi lida a parábola e os participantes da reunião a comentaram. Na segunda parte da reunião, manifestou-se nosso amigo, choroso. Trazia muitos documentos, pergaminhos antigos. Havia preparado uma contraproposta baseando-se em diversas referências, inclusive utilizando trechos do Novo Testamento. Vinha todo preparado para a discussão, sentou-se tranqüilamente e ouviu a conversa sobre a parábola. À medida que se analisava a parábola, começou a pensar na sua situação. Colocou-se na posição do trabalhador que aguardava o chamado do Senhor. Pensou em todo o tempo gasto na construção de um mundo artificial onde tentou preencher o vazio que existia dentro de si. Acabou “desmoronando”. Ao incorporar chorando, recebeu do doutrinador apenas o estímulo para recomeçar e o ombro amigo para chorar. Desabafou por uns vinte minutos, falou de suas desesperanças, da falta de sentido de suas opções passadas. Percebeu a presença de antigos companheiros que o convidaram a reiniciar a caminhada interrompida há muito tempo e seguiu com eles deixando uma certeza: O estudo do Evangelho no início da reunião, a Evangelhoterapia, apresenta resultados surpreendentes, facilitando todo o desenvolvimento do trabalho.

Numa outra oportunidade, na qual conversou-se sobre o papel de João Batista como precursor de Jesus, enfatizando-se as dificuldades de sua tarefa, manifestou-se um amigo chorando muito e dizendo:

- Eu não quero mais está vida. Eu quero viver. Meu Deus, me dê uma oportunidade de viver. Me dê uma oportunidade de mostrar que eu não sou mau. Meu nome foi citado aqui. Meu nome é João. Quando vocês falaram de João Batista soou para mim como um chamado.

E assim transcorreu o diálogo. O Evangelho analisado pelos participantes do trabalho havia servido para a “doutrinação” do nosso amigo. Como ele, muitos outros serão beneficiados pelo estudo do Evangelho.

Muitas vezes, alguns Espíritos são trazidos, semanas após semanas para ouvir a conversa evangélica antes de estarem preparados para a incorporação. Este processo funciona como a gota d’água pingando constantemente sobre a dura capa criada pelo desequilíbrio, até abrir uma fresta que nos permita chegar ao coração desses nossos amigos.

A Evangelhoterapia apresenta outra grande virtude: familiariza os doutrinadores e médiuns com o Evangelho, auxiliando-nos no trato com os desencarnados e preparando-nos para a Vida, dando o suporte que nos permite reorientar nossos caminhos, buscando implantar o Reino de Deus dentro de cada um.

IDEOPLASTIAS

O ambiente onde ocorrem as reuniões mediúnicas que apresentam como um dos objetivos, a assistência aos desencarnados, encontra-se saturado de fluidos magnéticos que obedecem a duas finalidades:

- Servir como material para a criação de quadros demonstrativos, mostrar cenas já vividas, imagens idealizadas, etc;
- Amenizar as vibrações nocivas e dolorosas dos Espíritos sofredores presentes e dos encarnados que não mantenham uma atitude condigna com a reunião.

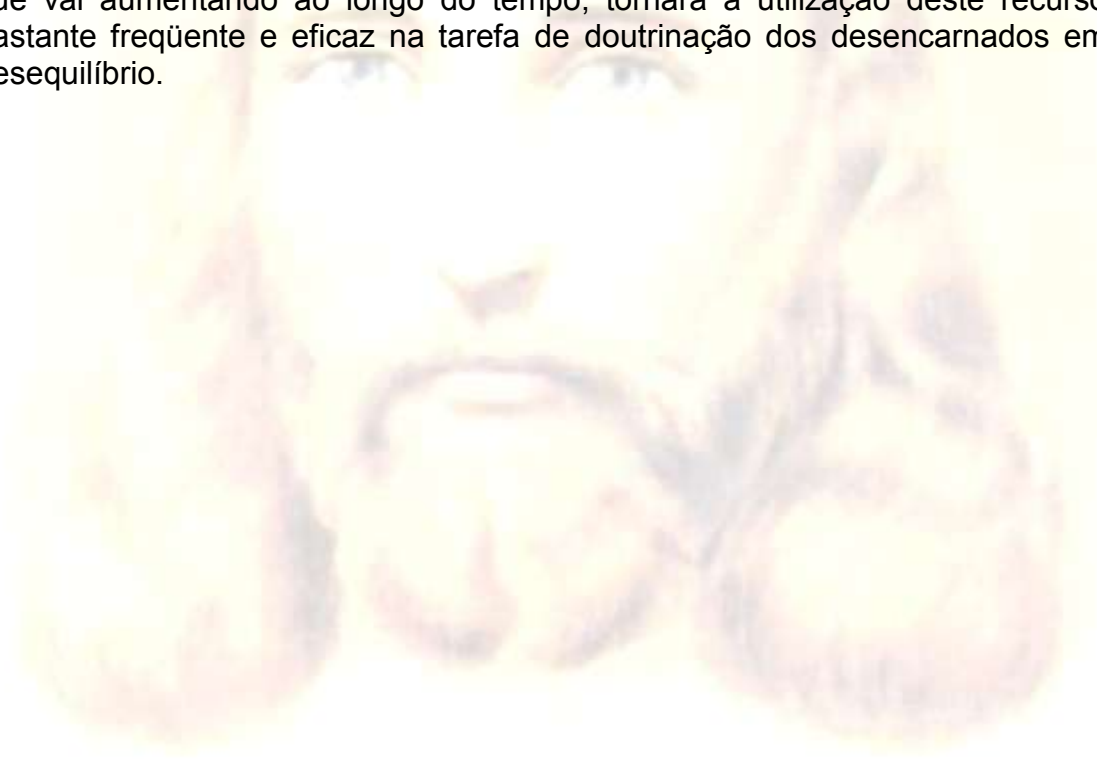
Técnicos especializados no mister de trabalhar estes fluidos, forjando o quadro desejado, seguem o diálogo em andamento, rebuscando, se necessário, no próprio arquivo do Espírito em desequilíbrio, o material para a elaboração das cenas. Revivem-se, então, cenas passadas de há muito esquecidas ou bloqueadas.

Numa determinada ocasião, manifestou-se um Espírito que se apresentava bastante endurecido. Argumentava que seus erros haviam sido causados pela ausência de orientação. Nunca, dizia, teria recebido qualquer exortação para o Bem. Referia-se a Jesus como uma figura mitológica, sem qualquer significado real para a sua vida. Após algum tempo de diálogo, apresentou um certo desconforto ao ouvir sobre as pregações de Jesus. O doutrinador pediu que ele tentasse visualizar a imagem de Jesus pregando sobre um monte. A partir desse ponto, “desmoronou” e passou a narrar a cena criada por nossos amigos e que havia sido extraída de suas lembranças. Ele havia convivido com Jesus e ouvido suas pregações. Fez parte daquela multidão de doentes que buscava Jesus, tentando a cura de seus males. Ficou emocionado demais para continuar e a imagem do Mestre, sereno, pregando, cabelos ao vento, voltou à tona em sua memória, como a lhe mostrar que as oportunidades que ele alegava nunca ter recebido, já o acompanhavam há dois mil anos.

Inúmeras vezes deparamo-nos com Espíritos que se acreditam enclausurados em masmorras, celas, tumbas e etc. Não devemos insistir com afirmações de que eles não se encontram presos. Eles estão *vivendo* isso. Podemos ajudá-los a “sair”, através da criação de algumas cenas. Por exemplo: fazê-los perceber uma janela, uma fresta, um ponto de luz, enfim, qualquer coisa que possam fixar a atenção. No caso da janela, podemos “abri-la”, em determinado momento, fazendo-os perceber a luz penetrando, o calor do Sol, o perfume das flores. Poderão “sair” pela janela ou a luz poderá se “transformar” em alguém que os possa carregar para fora daquela cena. Desta forma, conseguiremos tirá-los da impressão em que vivem.

Em outras ocasiões, as cenas criadas servem para amenizar o desespero de alguns dos Espíritos que incorporam. Certa vez, um mentor do trabalho, falando sobre esse assunto, disse: “Vocês tentem imaginar o alívio que sentem esses nossos irmãozinhos quando, após anos só conseguindo perceber cenas de desespero e sofrimento, encontram a oportunidade de ver cenas de Paz, com flores, bosques, animais, seus recantos prediletos”.

Como citado alhures, a criação de imagens enriquece e muito a preleção evangélica, permitindo que todos, mesmo aqueles que foram trazidos para a reunião e não vão incorporar, possam acompanhar o desenvolvimento do trabalho. Não existem segredos para as criações ideoplásticas dentro de equipes harmonizadas. O entrosamento entre o grupo material e o espiritual, que vai aumentando ao longo do tempo, tornará a utilização deste recurso bastante freqüente e eficaz na tarefa de doutrinação dos desencarnados em desequilíbrio.



INDUÇÃO

A primeira pergunta que surge é o que se entende por indução? Dentro do nosso trabalho, será o processo de conduzir alguém a um determinado ponto, fazendo-o acreditar em alguma coisa. Frequentemente encontramos pessoas que já fazem alguma indução prévia. São vítimas de mentes poderosas, especializadas em subjugar mentes mais fracas, ou mesmo, vítimas de si próprias, dominadas pelo remorso destruidor. Encontraremos pessoas “cristalizadas” em determinadas idéias, exteriorizando a loucura e o desequilíbrio que residem internamente.

Neste processo de indução encontraremos a explicação para os diversos fenômenos de zoantropia. No livro LIBERTAÇÃO, André Luiz relata o caso de uma moça que, pressionada pelo remorso gerado por seus crimes, é induzida por “juízes” a assumir a forma de uma loba. No trecho destacado abaixo, podemos observar a gênese do triste processo de alteração perispiritual chamado de licantropia.

“Fixando sobre ela as irradiações que lhe emanavam do temível olhar, asseverou peremptório:

- A sentença foi lavrada por si mesma! Não passa de uma loba, de uma loba, de uma loba...

À medida que repetia a afirmação, qual se procurasse persuadi-la a sentir-se na condição do irracional mencionado, notei que a mulher, profundamente influenciável, modificava a expressão fisionômica. Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se espontânea, para frente, os olhos alteraram-se dentro das órbitas”.

Nestes casos, a indução, no sentido de convencer as vítimas do desequilíbrio de que elas são humanas, é fundamental. Elas não têm condições, neste momento, de despertar do pesadelo em que se encontram. Precisam de ajuda para escapar deste tormento, e a voz do doutrinador, lembrando-lhes sua natureza humana, funciona como o estímulo necessário para que perseverem no trabalho de reorganização íntima. Não são necessários, nesta situação, argumentação filosófica profunda ou libelos sobre a extensão do Universo. Basta lembrar-lhes que são humanos. A repetição cadenciada desta verdade vai, lentamente, rompendo as barreiras criadas pela indução anterior, restabelecendo a forma humana.

Outras vezes, encontramos pessoas que se encontram cristalizadas sob uma forma mitológica qualquer. Descreveremos abaixo uma reunião na qual um amigo que cristalizou a idéia de que era um Tranca-Rua se manifestou.

Nosso amigo se apresentou com o linguajar característico dos participantes dos cultos africanos. Afirma não possuir nome e ser conhecido como Exu Tranca-Rua. Após algum tempo, foi envolvido numa prece e suas barreiras, rompidas. Passou a contar sua estória:

“Eu me matei com um tiro no peito. Eu fiquei feito louco andando pela rua. A mulher que eu amei, eu matei com um tiro. Eu fiquei tomando conta do corpo dela. A cena está me vindo na cabeça. Ela está caída na varanda. O cachorro, ela na varanda e eu sentado, segurando a arma que a matou. Se ela não pode ser minha, não vai ser de mais ninguém”.

Era o capataz da fazenda, chamava-se Sebastião, e se apaixonou pela filha do fazendeiro. Acabou assassinando o dono das terras, sua filha e se matando. Um drama que tem suas raízes no passado, já que, incessantemente, afirmava no diálogo: “Eu odeio todos eles. Por que ela tinha que vir nessa família?”.

Em determinado momento, volta à personalidade criada, fugindo de sua dor: “Eu vivo nas esquinas. Eu guardo os mortos. Quando sair na rua, que pegar o carro, se entregue a Exu Tranca-Rua”.

Iniciou-se o esforço para “trazê-lo de volta”. Repetia-se seu nome e ele resistia. Aos poucos, porém, suas barreiras foram sendo novamente rompidas e ele acabou cedendo. Um comentário muito interessante, feito pelo nosso amigo, ilustra muito bem como funcionam os dolorosos caminhos da indução: “Eu já errei tanto. Pra mim não tem mais jeito. O melhor pra mim é não lembrar mais. Tomando conta de um corpo morto... Eu sou feliz com o que me ofereceram. Foi o jeito que me deram para não lembrar e eu aceitei”.

REGRESSÃO DE MEMÓRIA

Muito se tem ouvido, atualmente, sobre regressão de memória. A chamada Terapia das Vidas Passadas se difunde, invadindo consultórios, multiplicando-se em seminários e cursos. É comum falar-se sobre carmas e encarnações passadas, nas conversas desenvolvidas nos círculos sociais. Surgem vozes, porém, alertando quanto ao perigo de se mexer com o passado. Alega-se, com razão, que o esquecimento temporário é importante para conseguirmos cumprir nossas programações encarnatórias, evitando que o passado venha à tona, interferindo no hoje. Teríamos condições de romper os laços de ódio do passado se nos lembrássemos das situações vividas? As nossas vítimas aceitariam nossa ajuda?

Este questionamento é muito importante na medida em que se corre o risco da utilização do recurso da regressão de memória indiscriminadamente. No caso das reuniões mediúnicas onde se realiza esta prática com os amigos incorporados, a preocupação é a mesma. Será que não estaremos trazendo das profundezas da memória, algo que deveria ser mantido, de certa forma, esquecido? Em que situações deveria ser praticada? Fica muito difícil responder de maneira absoluta estas questões, porém, nos trabalhos em que participamos temos utilizado a regressão em apenas dois casos:

- Espíritos que se acreditam injustiçados por Deus;
- Espíritos que se consideram deuses.

Apresentaremos, abaixo, um exemplo de cada uma destas situações.

Certa vez, manifestou-se um Espírito chorando, desesperado, demonstrando sentir muita dor. Recebeu passes e, gradualmente, foi se sentindo melhor. Conseguiu-se, então, estabelecer o diálogo no qual ele foi contando sua estória, com as marcas do seu desequilíbrio: “Eu não quero ficar na cadeira de rodas. Eu sou muito jovem. Eu preciso viver. É pecado viver? Mas, eu não quero está vida pra mim. Um morto-vivo...”.

Em função da sua falta de resignação, esse amigo interrompera o curso de sua encarnação, rolando por uma escada com sua cadeira de rodas, vindo a quebrar o pescoço. Tentou-se mostrar a ele que existem pessoas em condições muito mais difíceis, mas não se encontrava receptivo: “De que adianta mexer as mãos? De que adianta pensar? De que adianta tudo isso se não posso me levantar?”.

Não conseguia aceitar a situação e começou a questionar a Assistência Divina: “Eu tenho vergonha de todo mundo. Tenho uma vida pela frente. Estou estudando Medicina. Quero me formar. Por que eles fizeram isso? Podiam ter levado tudo, levado o carro, mas não precisavam atirar em mim. Eu não fiz nada. Meu Deus do Céu, onde estive que não viu isto acontecer? Oh, meu Deus, estava dormindo e não viu as coisas acontecendo?”.

A opção que nos restava, embora dolorosa, era mostrar a esse nosso amigo a Lei de Causa e Efeito, que demonstra que ninguém sofre sem razão, que nós mesmos forjamos nossas dores. “Voltou-se” no tempo, e a sua postura mudou completamente. Tornou-se arrogante: “Quebra a perna desse negro, que ele não foge nunca mais. Quebra e joga ele no mato. Com o tempo, ele morre, e, se se curar, outros negros ajudam. Essa corja, um ajuda o outro. Negro tem que trabalhar. Quebra a perna de um, que os outros não fogem mais”.

Lembrava que o ano era 1772. “Voltou” ao hoje, ainda confuso, com dificuldade de entender o que estava acontecendo. Contou que o assalto havia ocorrido em 1973 (duzentos anos depois). Aos poucos, começou entender toda a trama: “Vejo duas cenas. Um negro no tronco e outro me assaltando”.

Conseguiu perceber a presença de sua avó e outros parentes, emocionou-se e seguiu com eles, um pouco confuso, no início de um processo de reequilíbrio, que passados dois anos, ainda se encontrava em curso.

O caso referente à segunda situação é o seguinte: o Espírito manifestou-se extremamente agressivo. Falou de sua força, de seu poder. Ameaçou a todos, tentando intimidar. Não aceitava o diálogo, mantendo uma postura superior. Rejeitou Jesus dizendo: “Eu o odeio. Por causa dele eu queimei numa fogueira. Por causa da Bíblia, por causa do Evangelho”.

Optou-se por buscar, em seu passado, as causas de seu ódio por Jesus. Resistiu muito, mas acabou cedendo. Assumiu uma postura empertigada e disse: “Matem todos eles. Eles não servem. Porcos imundos... Os seguidores daquele Mestre, os seguidores daquele Nazareno. Eu não quero que eles cantem. Calem a boca de todos eles. O Mestre já se foi há 36 anos, mas deixou estes porcos imundos”. Contou que era um soldado muito importante e poderoso, participando da perseguição aos cristãos. Continuou mantendo a atitude de soberano, capaz de decidir entre a vida e a morte das pessoas. Fazia-se mister encontrar, na sua estória, algum ponto no qual estivesse claro que ele não era um deus.

“Seguiu” no tempo, e ele agora na porta do Templo, em encarnação subsequente, fala, com voz gemente: “Ai, meu corpo está em feridas. Me dá uma esmola. Meu corpo está em chagas. Essa doença é terrível!”

Prosseguiu em sua “viagem” até a encarnação na qual foi queimado na fogueira, e continuava mantendo uma grande distância de Jesus: “Eu prego o Amor pela Santa Madre Igreja. A Igreja em primeiro lugar. O ouro de nossa Igreja é importante. Vamos salvar a nossa Igreja...” Contou que, em função das intrigas existentes dentro da Igreja, acabou sendo traído e condenado à fogueira.

“Voltou” ao hoje, trazendo todas as lembranças. Desesperou-se diante da situação, e devido à confusão que reinava em sua mente, sua própria vestimenta de guerreiro foi se alterando: “Cadê a minha vestimenta? Cadê a minha capa? Eu quero o meu punhal, eu quero a minha arma”. Nossos amigos haviam colocado flores em mãos, em lugar do punhal. Agitou-se, mas já estava muito cansado. As emoções que reviveu deixaram-no desconcertado. Pediu para descansar e seguiu com os mentores do trabalho. Hoje, é mais um dos seareiros de Jesus.

Confrontando passado e presente, verificando que nós próprios somos artífices do nosso destino, muitas “verdades” desmoronam, nós conseguimos perceber nossa real dimensão e a Misericórdia Divina se manifestando em nossas vidas, trazendo, até, em alguns casos, a dor, de modo a se evitar que agravemos ainda mais os débitos diante de nossa consciência.

Não queremos, no entanto, deixar a impressão de que a regressão de memória seja um recurso infalível, mágico, para solucionar todos os casos onde se encontre a revolta ou a rebeldia. Já nos deparamos com situações nas quais o Espírito relatava todo o seu passado sem qualquer vacilação, sem necessidade de regressão de memória. Numa certa noite, manifestou-se um Espírito que, no desenvolvimento do diálogo, falava sobre o seu passado com muita naturalidade. Dizia: “O que são séculos? É como uma estrada que eu posso percorrer”. Não apresentava problemas não resolvidos, no passado, necessitava apenas conversar, apresentar sua filosofia e ouvir a filosofia de Jesus. De nada adiantava rebuscar, neste caso, o passado, através da regressão.

Em outra ocasião, manifestou-se um amigo muito agitado. Reclamava, revoltado, de sua situação. Lastimava-se do corpo que estava utilizando (estava encarnado, envergando um corpo disforme). Dizia:

- “Eu estou muito bem assim. Eu não preciso dele. Você não sabe o que é arrastar um corpo inválido! Você sabe o que é ter um corpo na cama sem poder se mexer, sem poder nem arrastar aquele corpo?”.

Ao longo do diálogo, tentava aparentar tranqüilidade, dizendo: “Você já ouviu falar em alguém que largou o corpo? Eu deixei o corpo pra lá”.

Desesperou-se diante da possibilidade de voltar àquele corpo que “abandonara” por ocasião de uma crise, provavelmente, epiléptica: “Vocês estão querendo me levar de volta. Eu não quero. Eu estou muito bem do jeito que eu estou. Eu estava preso e devo agradecer isso? Não tenho nem saudades daquilo lá”.

Sentiu-se a necessidade de “voltar” no tempo e encontrar as causas de seus problemas atuais, de modo a que pudesse compreender o porquê de sua situação. Após alguma resistência, começou a falar: “Loucos, são todos loucos. Eu provo que eles não têm sentimentos. Eles são animais”.

Desenrolou-se, então, no decorrer da conversa, uma seqüência de atrocidades que cometera em “nome” da Ciência. Foi “trazido de volta ao hoje”, mantendo as lembranças, mas ele não se abalou. Continuou firme em suas afirmativas de que tudo o que fez foi em benefício da Ciência. Não se deixou envolver e voltou a sua questão básica: “Eu tenho muito mais que os treze anos daquele corpo. Cada ataque daquele corpo é uma liberdade para mim. Eu não posso ficar preso àquele corpo. Eu não tenho intenção de ficar preso a um corpo deformado”.

Foi levado de volta ao corpo mantendo, apesar da lembrança dos seus erros passados, o mesmo propósito de se desvencilhar daquele corpo. Alguns meses depois voltou a incorporar, trazendo as marcas das lembranças da última reunião. Não era o arrependimento que havia aflorado, e sim o medo de sofrer as conseqüências de suas atitudes. Sua preocupação conosco, naquele momento, era a de ser submetido às mesmas experiências que havia realizado.

Pobre amigo, ao final do diálogo daquela noite, onde se tentou mostrar a ele que Deus existe e a necessidade de vincular Ciência e Religião, voltou àquele corpo deformado para meditar e se reorganizar, iniciando sua caminhada em busca da Paz.

Poderíamos perguntar, então: Como é feita esta regressão? Nos trabalhos desenvolvidos, contamos com a assistência especializada de diversos técnicos, inclusive em regressão de memória. Nossos amigos, pelos caminhos da intuição, nos auxiliam a escolher as situações em que o método deva ser utilizado e o momento correto para aplicá-lo. De nossa parte, costumamos fazer a imposição de mãos nos centro de força frontal e coronário, e auxiliar a “volta” ao passado, repetindo a necessidade deste retorno, até o rompimento das barreiras que, muitas vezes, foram criadas por estes Espíritos para evitar o sofrimento. Desta forma, dispomos de mais um recurso para atestar o Apoio Divino em nossas vidas, um recurso que mostra a Lei de Ação e Reação, não de forma teórica, mas vivida e sentida por esses amigos e por nós que acompanhamos os dramas que caracterizam, ainda, a estória de cada um.

E poderíamos, ainda, perguntar: Será possível fazer a regressão num caso em que não se deve fazê-la? A resposta, embora seja positiva, não deverá nos assustar. Um grupo que esteja afinado com os princípios estabelecidos no Evangelho, visando o auxílio ao próximo, contará sempre com o apoio dos Orientadores que se utilizarão dos mais diversos recursos para evitar os erros, caso os caminhos da intuição não tenham atingido seu objetivo. Um grupo harmônico, trabalhando com Jesus, esforçando para minimizar as dores daqueles que chegam até eles, esmerando-se em executar, de forma cada vez mais efetiva, seu trabalho, não deverá nunca se preocupar, pois a Assistência do Alto será constante.

Rebuscar o passado é sempre uma cirurgia delicada, para a qual o recomendável é buscar o auxílio de Jesus, o Grande Cirurgião de Almas. No entanto, é imprescindível em alguns casos para aliviar as dores daqueles que se encontram envoltos no desespero, que não reconhecem a Paternidade Divina, não percebem que somos todos irmãos, Filhos de Deus.



7 – A QUEM DOCTRINAR?

O DOENTE

Freqüentemente nos encontraremos com Espíritos que reclamam de problemas “físicos”. São dores na coluna, estômago, rins e etc. Cada um refere dores diferentes cuja intensidade varia ao infinito. Alguns chegam a “desmaiar” de dor. Apresentam em comum o desejo de serem ajudados.

Manifestação de Espíritos doentes é situação bastante comum no caso de reuniões de desobsessão, já que esses Espíritos encontram-se muitas vezes junto aos encarnados causando-lhes problemas, inconscientemente, tendo em vista as vibrações de desequilíbrio que emitem. Determinados Espíritos, também, afetos à prática do mal, costumam utilizar-se desses doentes, levando-os para algumas casas ou ligando-os às pessoas, visando minar as resistências dos encarnados, facilitando, assim, a instalação de processos obsessivos. O encarnado registra, consciente ou inconscientemente, esta presença que se apresenta, muitas vezes, sob a forma de enfermidades que nada mais são do que reflexos da própria enfermidade do desencarnado. Temos inúmeros exemplos de situações onde esta “ligação” foi a causa do problema apresentado pelo encarnado, no Novo Testamento. Quantos mudos falaram, cegos enxergaram, paráliticos andaram, pela ação de Jesus sobre os Espíritos que exerciam aquelas influências sobre os doentes?

No trabalho de doutrinação, esses nossos amigos doentes serão convenientemente auxiliados sem a necessidade de diálogos prolongados, já que apresentam, conforme mencionado acima, o desejo de serem ajudados. O “choque” com o médium oferece alívio para suas dores, predispondo-os, favoravelmente, à conversa com o doutrinador. Estão confusos. Na maior parte das vezes, não sabem de sua real situação, e, em geral, não tem condições de entenderem. Sentem-se doentes, e não será complicado convence-los quanto à necessidade de receberem auxílio médico. Estarão até ansiando por ele, e se mostrarão dispostos a serem encaminhados a hospitais na Espiritualidade.

E quanto ao esclarecimento sobre sua situação? Acreditamos não ser oportuno exacerbar as dores daqueles que já trazem tanto sofrimento. Não apresentam apenas dores físicas, existem, também, as dores morais que “queimam” internamente. Cabe ao doutrinador buscar aliviar as dores e não aumentá-las sob o pretexto de estar oferecendo a verdade. Diversos medicamentos oferecidos em doses elevadas funcionam como venenos. Precisamos aprender a oferecer a verdade na hora certa, de acordo com as possibilidades de cada um.

Ainda poderia surgir uma outra pergunta: Por que os Espíritos não são encaminhados diretamente? Até podem, e muitas vezes o são. O contato com o médium, porém, facilita este trabalho. Eles são “atraídos” aos médiuns, sentem-se melhor em função das energias equilibradas oferecidas por eles, ouvem o doutrinador e concordam em seguir para um hospital. Tudo sem traumas, buscando amenizar a dor de quem já está sofrendo tanto. Isso tudo em poucos minutos. Algo em torno de 3 a 4 minutos será suficiente para o atendimento destes casos. E o que são 3 minutos? Para nós, nada. Gastamos tantos em coisas fúteis. Mas para aquele que está sofrendo, aqueles minutos significarão o início da retomada de seu equilíbrio, significarão o alívio de dores lancinantes, significarão a certeza de que não estão sozinhos, de que o Pai não se esqueceu deles, que o Pai não se esquece de ninguém, que todos nós temos como destinação final a Paz e que eles não viverão eternamente na Dor. Estes minutos significam que a Dor que eles julgavam eterna, não o é. E ouviremos muitas vezes: “Graças a Deus, eu pensava que isso nunca fosse acabar”.



O SUICIDA

Dentre todos aqueles que irão se manifestar nos trabalhos que desenvolveremos, os que apresentarão maior grau de desequilíbrio, sem dúvida, serão os suicidas. É claro que existem “gradações” neste sofrimento. O próprio “choque” recebido pelo médium se mostra mais acentuado em determinados casos, porém, sempre deixando as fortes impressões de dor de nossos amigos que enveredaram pelos caminhos ilusórios do suicídio.

O suicídio, por ser um ato contrário à Lei de Deus, ao invés de oferecer a solução para os problemas que tanto afligem o infeliz companheiro, abre caminhos mais difíceis, já que às mazelas anteriormente existentes, acrescentam-se diversas outras. O rompimento súbito do “laço” que prende o Espírito ao corpo, exacerba as dores vividas, pois, estando o perispírito ainda impregnado de fluido animal, as sensações da desagregação celular são intensificadas e o trágico quadro permanece obsessivamente na mente dos nossos amigos por largos anos, impedindo, inclusive, que se possa “chegar” até eles. O suicida revive seus últimos momentos, repetindo continuamente seus passos, multiplicando suas dores.

No livro MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, é narrada a dificuldade de se encontrar grupos mediúnicos que estejam preparados e interessados em receber a “visita” de suicidas. As impressões registradas pelos médiuns, conforme mencionado acima, são terríveis. Eles vivem junto com os suicidas, os últimos momentos, sua agonia, suas impressões ao se reconhecerem vivos, seu desespero ao perceber que não conseguiram fugir enveredando pelo caminho infeliz da autodestruição, que a morte não resolveu seus problemas e sim, agravou-os. Quanto sofrimento que o médium acompanha e vive! São momentos duros, mas o que dizer daqueles que vivem isso por anos? O que dizer daqueles que, dia após dia, vêem repetirem-se as cenas dolorosas que culminaram no suicídio? Ou cenas até mais dolorosas que o ato “final”, as que os impulsionaram para tal? Fica, então, para nós, a pergunta: O que são cinco, dez minutos quando podemos após este período recuperar a nossa serenidade, conscientes de que fizemos algo para minorar dores tão graves? E a influência de nossos Amigos Espirituais nos auxiliando em todos os momentos de nossa Vida, nos amparando diante das provas que devemos vencer, das dores que necessitamos vivenciar? E se eles dissessem: “Não, nós desistimos de trabalhar com essas pessoas que vacilam tanto, que reclamam tanto, que nunca estão satisfeitas. Não há condição de viver ao seu lado, recebendo a carga de seus desequilíbrios, ouvindo seus gritos e suas lamentações”?

No trato com estes sofridos companheiros, caberá ao doutrinador a tarefa de oferecer mais do que as palavras, a sua presença amiga, o ombro até. Certa vez, acompanhamos um caso no qual o Espírito já incorporou chorando e gemendo, havia sido arrastado pelas suas opções, para lugares sombrios onde sofrera por muitos anos. Ao “despertar” ali no grupo mediúnico, após a ligação com o médium não entendia objetivamente o que estava

acontecendo, só sabia que estava melhor. Ouviu o doutrinador por algum tempo, sem, aparentemente, entender muito. O contato salutar com o médium, contudo, foi reavivando suas percepções até que num determinado momento, sentindo-se “entre amigos”, colocou sua cabeça no ombro do doutrinador que estava ao seu lado e chorou. Chorou o chorou dos anos, represado durante tanto tempo em seu coração. Não o choro amargo da angústia, não o choro convulsivo do desespero, mas o choro doce da segurança, da Paz. Sentiu-se, enfim, seguro ao lado do doutrinador, que nada precisou falar. Ficou alguns minutos assim, levantou a cabeça, percebeu que existiam inúmeros amigos na sala, concordou em seguir com eles e foi-se, deixando-nos a certeza de que a linguagem universal é o Amor. Em diversas ocasiões, o grau de desequilíbrio que nossos amigos apresentarão, não possibilitará o diálogo, muitos estarão tão confusos que as palavras não encontrarão eco algum, mas em todos os casos, mesmo se não tiverem condições de ouvir, sentirão.

Nestes casos, o doutrinador tem que utilizar muito tato. O objetivo nunca poderá ser descobrir as estórias. O passado do nosso amigo não nos interessa. Colhidas as informações básicas que possam nortear o nosso diálogo, a conversa deverá focar o futuro. Embora, insistentemente, o desencarnado volte a falar do passado, o doutrinador deve direcionar sua atenção para outro ponto. Qualquer artifício neste sentido deve ser utilizado. Alguns, tudo vai depender do seu grau de desequilíbrio, aceitarão argumentos mais filosóficos, outros, não. Numa determinada ocasião, o Espírito se manifestou desesperado com uma cena na qual um trem o atingia. Estava bêbado e, no seu delírio, ora dizia que não era mais um trem, e sim, uma cobra de um olho só que o perseguia. Ele afirmara, em determinado momento, que não adiantava fugir, que ele iria segurar o trem, e assim, revivia toda a cena de seu desencarne. E o ciclo se repetia. Não se conseguia convencê-lo de que não existia mais trem. Afinal, ele estava vendo o trem! Utilizou-se, então, o seguinte artifício. Foi dito: “Olha, meu amigo. O trem está vindo em sua direção (Ele concordou). Agora está pegando uma bifurcação (Ele ficou meio atônito). Está passando do seu lado e seguindo em frente (Ele disse: ‘É mesmo!’)”. A partir daí, o diálogo transcorreu tranquilamente, ele percebeu a presença do médico tratando-o e foi levado.

Em qualquer situação, no trato com os suicidas deverá o doutrinador se “revestir” de paciência e Amor, oferecendo seu ombro para irmãos que apresentam dores acerbadas e que ainda necessitarão de largos anos até atingir o equilíbrio tão desejado. Incluamos sempre estes nossos amigos, conhecidos e desconhecidos, em nossas preces. A dor deles é tão grande que Jesus, o Mestre Amável, designou Sua Mãe, a Meiga Maria, como anjo tutelar destes companheiros tão desventurados. Toda esta dor não poderá, contudo, nos infundir tristeza, porque a morte não existe na Criação, a dor é temporária e esses mesmos companheiros estarão, amanhã, graças à Misericórdia do Pai, a brilhar suas Luzes, iluminando, quem sabe, as mesmas regiões de Dor em que, um dia, viveram.

O HOMICIDA

Incluimos aqui, sob o sub-título “homicidas”, todos aqueles que cometeram delitos, os quais, gravados em suas consciências, criam remorsos, abrindo portas para os processos de auto-obsessão. Muitos chegarão lamentando-se de suas opções, muitos se apresentarão condenando-se por suas ações passadas. Entre lágrimas ouviremos inúmeras confissões que versarão sobre os mais diversos tipos de crimes. A vergonha, o remorso, a culpa, e outros sentimentos misturados farão com que estes nossos amigos se apresentem como verdadeiros “trapos” humanos.

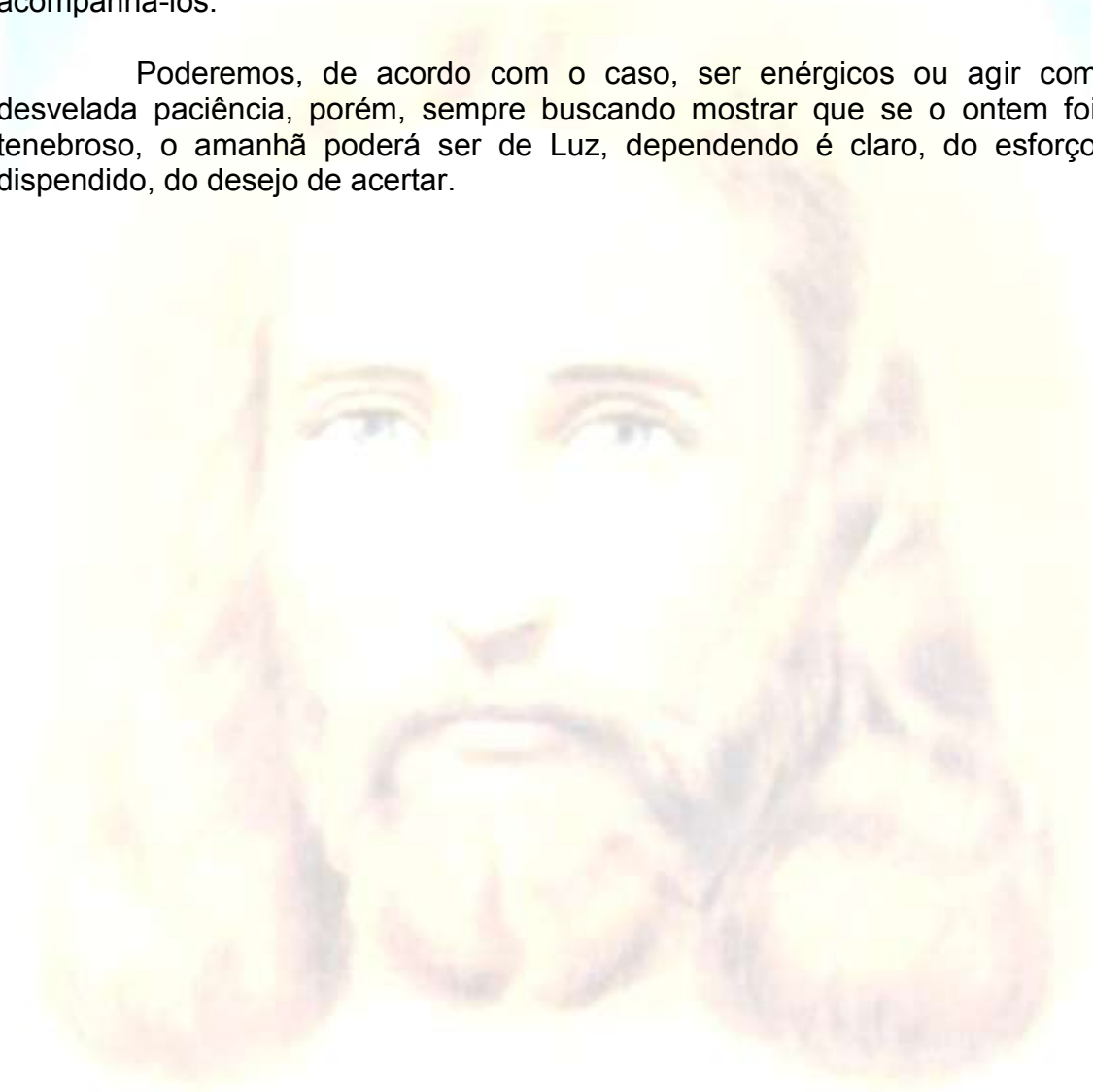
Nestas situações, o doutrinador deve estar atento, a fim de não exacerbar as dores tão cruciantes apresentadas por estes desventurados companheiros. Por que falar da Lei de Causa e Efeito para aquele que já se julgou e condenou? Para que intensificar ainda mais a fogueira do remorso que o incendeia internamente? Caberá o doutrinador falar do futuro, das novas oportunidades. Caberá mostrar que a morte não existe, que a situação em que se encontra não é eterna e, o mais importante, que ninguém está destinado eternamente para o Mal nem para a Dor. Diversas vezes ouviremos destes nossos amigos: “Eu não presto. Não adianta, não. Eu tive tantas oportunidades e olha o que eu fiz”. Não podemos deixar que ele enverede por este caminho escuro que leva à paralisia da alma, à inércia absoluta.

Numa determinada noite manifestou-se um amigo, dizendo: “Deixa... Pode deixar. Deixa cada coisa em seu lugar. É bom sofrer. Tem que sofrer muito pra aprender com o sofrimento. Com a dor, aprende-se a viver. Eu quero sofrer. Me deixa sofrer”. As tentativas do doutrinador de “retirá-lo” da situação em que se encontrava, esbarravam na sua “necessidade” de sofrer. Desejava permanecer na condição que considerava adequada para seu caso: “Eu preciso de trabalho forçado, empurrando esses carrinhos pesados. Trabalho pesado derruba o orgulho. Eu tenho que ficar curvado para o chão. Enquanto eu não encostar no chão, não estou pronto”. O tema central de seu problema era o orgulho que, inclusive, o levou a assassinar a esposa e os filhos, como contaria no decorrer do diálogo. A sua opção, ou a opção que lhe foi imposta por grupos que atuam nas Sombras, foi a autoflagelação. Sofrer, para ele, era uma obsessão. Ao longo do diálogo pronunciaria frases como:

- “Não sou digno de ver. Tenho os olhos furados para não ver nem a claridade do Sol”.
- “O Sol foi feito para todos, menos para mim”.
- “Eu sou um animal banido da sociedade”.
- “Eu quero me tornar um débil mental. Um idiota não sofre, ele não pensa”.

Após um longo diálogo, conseguiu-se “retirá-lo” da mina em que se encontrava, ele percebeu a presença dos nossos mentores e concordou em acompanhá-los.

Poderemos, de acordo com o caso, ser enérgicos ou agir com desvelada paciência, porém, sempre buscando mostrar que se o ontem foi tenebroso, o amanhã poderá ser de Luz, dependendo é claro, do esforço dispendido, do desejo de acertar.



O OBSESSOR

O doutrinador precisa tomar muito cuidado com a utilização das palavras e a conseqüente carga emocional com que elas estão revestidas. Quem é o obsessor? Aquele que neste momento está agredindo? Aquele que traz um ressentimento forte contra alguém ou, às vezes, contra toda uma família? E as causas do seu desejo de vingança? São falsas? Estas perguntas têm um único objetivo: mostrar que não é correto encarar aquele que, no momento, é o ofensor, como um ser voltado eternamente para o Mal, o algoz, e acreditar que o encarnado que chega à nossa Casa com o conjunto de sintomas característicos da problemática obsessiva, seja a vítima. Ambos estão doentes, apenas trocaram de papéis ao longo dos séculos, ora agredindo, ora sendo agredidos. Aparentes algozes, são, na verdade, vítimas de si próprios, pois ao agredir estão incorrendo em graves delitos e estabelecendo pontos de desequilíbrio que, devido à Maravilhosa e Sábia Lei do Retorno, repercutirão na sua vida futura, através de situações difíceis e dolorosas mas que lhes oferecerão a oportunidade de reconstruir o seu destino.

Nos encontraremos sempre, nos casos obsessivos, diante de dois ou mais doentes. Todos os envolvidos na trama estão enfermos da alma e, eventualmente, até do corpo. Adoeceram em função do ódio que os corroe internamente. O trabalho que se nos apresenta é bastante amplo. Cumpre-nos auxiliar tanto aquele que agride quanto aquele que é agredido, tanto o encarnado quanto o desencarnado. Nossos mentores nos dão inúmeros exemplos disso. A literatura espírita está repleta de casos nos quais todo um trabalho é organizado visando não apenas libertar determinadas pessoas da tenaz pressão obsessiva que lhes é movida, como auxiliar aqueles, que no seu desequilíbrio, ainda insistem em agredir. Os livros LIBERTAÇÃO, de André Luiz, e NOS BASTIDORES DA OBSESSÃO, de Manoel Philomeno de Miranda, apenas para citar dois, nos mostram o grandioso esforço dispendido neste sentido.

Além disso, Ignotus, no livro ESPELHO D'ALMA, nos relata um caso em que o doutrinador sentia-se já sem condições de continuar a doutrinação de determinado Espírito, quando esse, comovido, disse: “Graças a sua honestidade para comigo e para consigo próprio, desejo esclarecer em definitivo. A princípio odiei-a, sim. Há razões que não convém aqui reexaminar... Lentamente, porém, ouvindo as narrações (...), percebi que perseguindo, não me desforçava, por sofrer, também... Mudei intimamente, procurei reformar-me, comprometi-me deixá-la por conta da Vida... Não logrei o objetivo. Ela não me libertou”. A partir desta narrativa podemos perguntar: “Que método absolutamente eficaz temos para distinguir quem é o chamado obsessor e quem é o chamado obsidiado?” São ambos doentes, uns graças à Misericórdia Divina já despertaram quanto à necessidade de buscar auxílio, mas continuam, ainda, doentes.

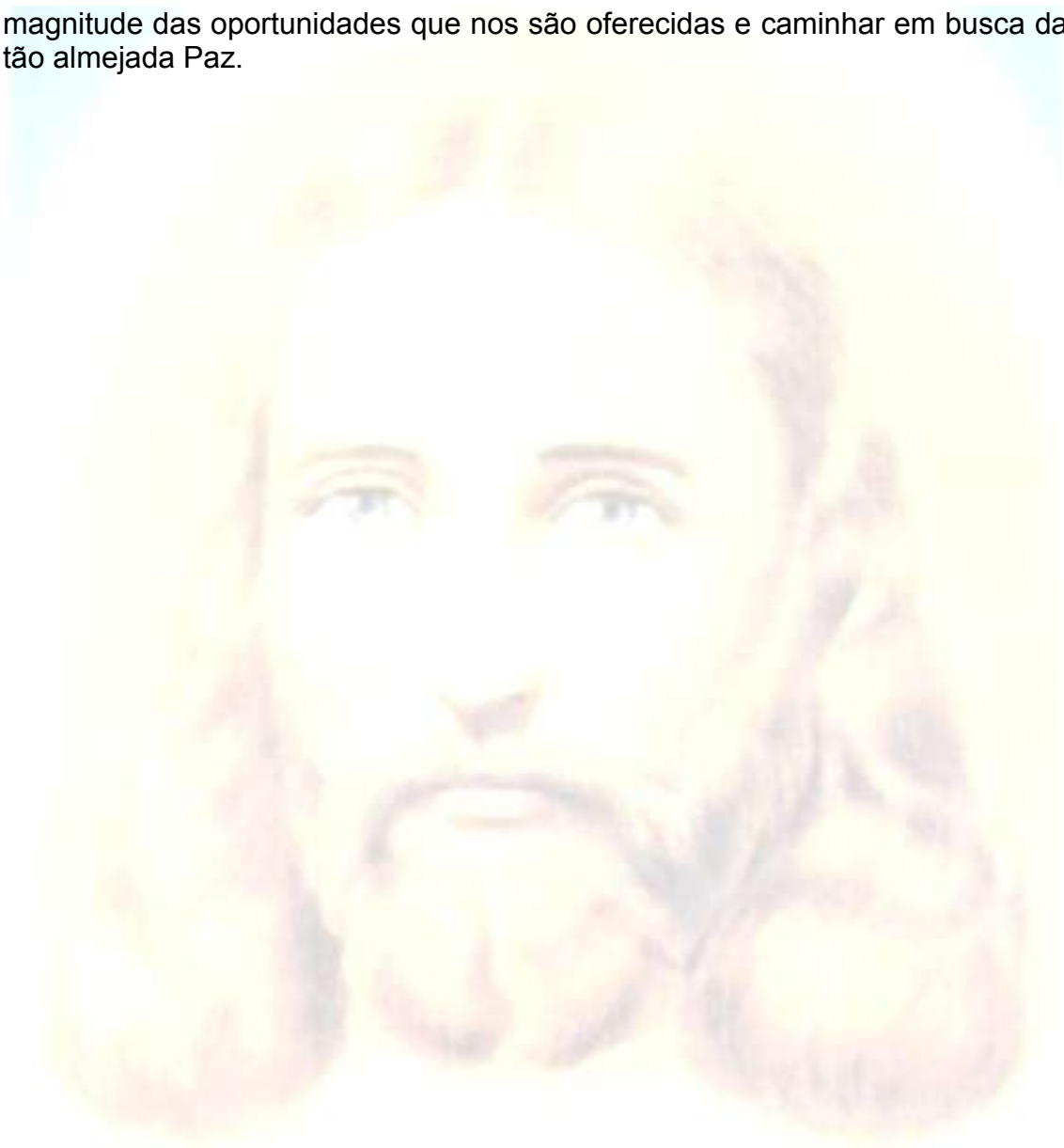
Nestes casos, caberá ao doutrinador uma tarefa difícil que exigirá muita paciência e tato. Não podemos nos esquecer de que, sob a ótica daquele que agride, o doutrinador é um intrometido. Senão, vejamos: Muitas vezes, ele não conhece nenhum dos envolvidos na trama e não apresenta propostas que satisfaçam imediatamente os seus desejos. E a pergunta surgirá inúmeras vezes: “O que você tem com isso?” Todo o trabalho se resumirá em mostrar que a vingança não sacia o ódio nem oferece a Paz. Caberá ao doutrinador mostrar que não é um “advogado” daquele que está sendo agredido e sim, um “advogado” de todos os envolvidos, levando o caso a Jesus e interferindo no sentido de que todos possam recomeçar uma caminhada sem tantas dores. A proposta é: O encarnado prosseguirá tentando alargar seus horizontes, estendendo seus objetivos para além da vida física, e o desencarnado, preparar-se-á para uma nova vida e posteriormente reencarnará, retornando à lide.

Muitos assumirão uma postura agressiva diante do doutrinador e de todo o grupo, utilizando-se de ameaças físicas e morais. Frequentemente, o doutrinador será pressionado por esses amigos ainda tão confusos com relação ao objetivo da Vida. Nesta circunstância, é necessária a presença, não da valentia que leva ao confronto, mas do sereno destemor baseado na Fé do apoio de nossos mentores Espirituais nos lembrando sempre que o Trabalho é de Jesus, que nada nos poderá acontecer sem que esteja previsto na Lei de Causa e Efeito. Muitos, no entanto, podem questionar: “Mas quem não deve?” Realmente todos devemos. Porém, ao nos colocarmos à disposição do Trabalho, estamos optando, também, por uma forma de “pagamento” suave de nossos débitos. Além disso, nossos protetores nos lembram sempre que se Deus está conosco, quem estará contra nós?

Em algumas ocasiões se tornará importante, de modo a se desfazer a monoidéia do desforço que o amigo poderá trazer, buscar as causas do sofrimento. Nestes casos, argumentações apresentadas por aquele que pede “justiça”, poderemos analisar as causas anteriores que resultaram naquelas situações e permanecem gravadas naquele que agride. É claro que isto não descaracteriza a culpa daquele que hoje sofre o assédio insistente, mas mostra que não houve “injustiça divina”, como muito se apregoa. A regressão de memória poderá, então, ser utilizada como recurso para a solução dos impasses que são, muitas vezes, criados. Esse assunto foi analisado em capítulo anterior.

Em outras oportunidades, ouviremos de certos Espíritos: “Eu sei que você quer ajudar, eu até gosto de você, mas o problema é entre ela (a pessoa perseguida no momento) e eu”. Quaisquer que sejam as circunstâncias, devemos nos lembrar de que o problema é de todos nós. Que nossa maior preocupação, inclusive, é com ele, o desencarnado incorporado que conversa conosco. O encarnado deverá ser submetido a outro tipo de trabalho, ouvindo palestras, lendo, estudando a Doutrina Espírita. Deveremos mostrar não apenas com palavras, mas com sentimentos que aquele que chegou agredindo e ofendendo não desperta em nós revolta, e sim uma vontade imensa de auxiliá-lo para que possa, como nós, despertar para a Vida, perceber a

magnitude das oportunidades que nos são oferecidas e caminhar em busca da tão almejada Paz.



O LOUCO

A ignorância das pessoas, de um modo geral, com relação aos mecanismos da Vida, faz com que, freqüentemente, ouçamos frases do tipo: “Morreu, coitado. Foi bom porque descansou”. Os trabalhos que desenvolvemos mostram como essa idéia é falsa. A morte não nos modifica interiormente, não nos oferece a Paz, pode nos mostrar sim, como realmente somos, desnudados do capote da carne, desmascarados. Os problemas que trazemos não são, de modo algum, solucionados pelo fenômeno da morte que apenas desintegra o envoltório físico, encontrando-se o Espírito frente a frente com a sua própria consciência, trazendo todas as suas conquistas e vacilações passadas.

No caso de desencarne de loucos (é importante lembrarmos que existe uma distinção entre loucos e obsidiados), nem sempre esses Espíritos recobrarão a lucidez que caracterizaria a vitória diante de uma expiação vivenciada. Muitas vezes, continuarão vivendo o mundo de desequilíbrio que criaram. Certa vez, manifestou-se um Espírito em profundo desequilíbrio, inclusive, só conseguia falar com muita dificuldade, em função de sua gagueira. Ao longo do diálogo, demonstrou um pavor tremendo de voltar a um hospital. Não conseguia perceber a presença dos nossos amigos desencarnados, mas se apegou ao doutrinador. Segurou-se a ele como se este fosse sua tábua de salvação diante do mar de desespero em que se encontrava. Repetia frases desconexas, mas que permitiram compor um quadro terrível. Esteve internado em um hospício, vindo a desencarnar após longos anos de sofrimento. Nesta situação, a expectativa de ser levado a um hospital era desesperadora. Necessitava de alguém em que pudesse confiar, pois até a cor branca lhe causava medo em função das experiências que havia vivido, e acabou associando esta cor ao isolamento, à solidão, à dor. Cabe ao doutrinador transformar-se em seu esteio até que consiga perceber a presença de algum dos mentores espirituais presentes ao trabalho. Outro recurso possível e que, em muitos casos deverá ser utilizado, é adormecer esse amigo a fim de que possa ser levado. Neste caso, ele poderá ser trazido de volta após algum tempo para retomar a conversa, porém, mais calmo e receptivo às idéias apresentadas pelo doutrinador. Ao induzi-lo ao sono, é sempre de bom alvitre oferecer algum conceito que possa ocupar o vazio ou substituir alguma idéia desequilibrada que, por ventura, ele esteja fazendo. Algo do tipo: “Você não está sozinho. Existem amigos a sua volta. Jesus, o Médico dos médicos está contigo”. Quando acordar, estes conceitos estarão presentes, embora ainda não estejam entendidos.

Outras vezes, a loucura é provocada pelo sofrimento, pelas torturas recebidas no plano espiritual faces às obsessões que se efetuam. Algumas pessoas são levadas a regiões infernais e lá são submetidas a humilhações terríveis. É comum que a loucura sobrevenha aos castigos recebidos por aqueles que ainda encarnados não souberam cultivar o equilíbrio, a harmonia. Preferiram o vício, o desequilíbrio, e, por isso, emaranharam-se cada vez mais nas teias dolorosas do erro. Encontrarão, ao desencarnar, os “amigos” que cultivaram quando encarnados.

O doutrinador precisa ser muito paciente, e talvez as palavras sejam pouco importantes nestes casos, diante do desespero que o Espírito apresenta. Ele tem que se sentir atraído, magnetizado pelo doutrinador, não pelas palavras que não entende, mas pelas emoções com que estas estão carregadas. Deve ser conquistado pelo Amor e, só então, apoiado, vai, com o tempo, lograr escapar das profundezas de sua loucura.

O LOBO

Encontramos em livros de André Luiz, Manoel Philomeno de Miranda e outros autores, diversos casos de licantropia. Entretanto, não nos referiremos, portanto, neste item apenas a estes casos onde a forma perispiritual foi alterada, apresentando-se o Espírito com o aspecto de um lobo. Outros casos de zoantropia são bastante comuns, e encontraremos, ao longo dos trabalhos que desenvolveremos, situações extremamente dolorosas de Espíritos, seres humanos, que se apresentam com a forma dos mais diversos animais, figuras mitológicas e, no Brasil, de cultos africanos. As considerações desenvolvidas abaixo se referem a quaisquer tipos de degradação perispiritual.

A primeira consideração, e provavelmente mais importante, vem de André Luiz, e diz: “O Espírito não retrograda, porém a forma pode degenerar”. O doutrinador deve estar ciente de que por trás daquela “máscara” de animal existe um ser humano com toda uma história, carregando seus conflitos e aflições. Está cristalizado naquela situação e necessita de um apoio externo para conseguir escapar dela. Ele se apresenta como um animal, reage como um animal, vive como um animal, enfim, acredita-se um animal. O trabalho de doutrinação visa, nestes casos, convencer nosso amigo de que ele é humano.

O segundo ponto a ser levantado é: Como estes processos são levados a termo, ou seja, quais os mecanismos que fazem com que alguém perca a sua forma? Encontraremos aí uma combinação de dois efeitos que se somam com intensidades variáveis, dependendo de cada caso. Esses efeitos são provocados pela ação de vigorosas mentes que ainda se comprazem em fomentar o desequilíbrio, e pelo remorso daquele que cometeu uma série de abusos em seu passado e agora se torna vítima deste processo. Em determinados casos este remorso é tão forte que até dispensa a ação de uma inteligência externa.

Numa determinada ocasião encontramos um Espírito que se apresentava como uma cobra com a cabeça esmagada. Tudo isso porque dentro do “código de honra” que regia o grupo desequilibrado de que fazia parte quando encarnado, todo traidor era uma cobra e “cobra tem que ter a cabeça esmagada”. Antes de desencarnar, havia traído o grupo, então, seu destino, segundo seus próprios argumentos, só podia ser o de uma cobra com a cabeça esmagada.

O remorso estará sempre presente nestes casos, servindo como a abertura que permitirá a ação externa ou mesmo interna que desencadeará o processo de deformação perispiritual. Um outro fator que auxilia a ação desequilibrante externa é o medo. Inúmeras vezes nos deparamos com Espíritos cujas atitudes visam infundir o medo, já que desta forma conseguem, com maior facilidade, impor suas idéias, reduzindo, quando necessário, seus “súditos” a formas animais.

A alteração perispiritual pode ser o resultado, também, de um processo gradativo provocado pelas quedas morais. A forma vai paulatinamente, tornando-se mais e mais grosseira até o ponto de não guardar nenhuma relação com a forma hominal. Determinadas regiões do plano espiritual são habitadas por seres cujas formas monstruosas servem, muitas vezes, de inspiração para a confecção de máscaras que, infelizmente, ainda fazem muito sucesso nos carnavais da Terra e nos filmes de terror que são, periodicamente, apresentados nas telas dos cinemas e redes de televisão.

Uma importante questão a ser levantada é: Por que poderosas mentes se utilizam do remorso alheio para provocar a deformação perispiritual? A primeira resposta seria a vingança. Imaginemos o desespero que invade o imo d'alma daquele que se vê constrangido a se mostrar como um animal, a agir e até pensar como um animal (Lá no fundo, porém, a Semente Divina repousa e aguarda o momento de ressurgir). Mas, não é só isso. Aquele que se deixa dominar passa a ser um exemplo de subserviência. A deformação perispiritual de um, mostra a todos o que acontecerá com eles se não se submeterem à vontade dos “senhores”. Esta deformação cria o medo, e com o medo consegue-se a obediência cega, objetivo destes Espíritos, ainda presos à ilusão do Poder. Numa conversa com um dos mentores do trabalho de que participamos, ao final da reunião, obtivemos o seguinte comentário acerca de um Espírito que havia incorporado e que apresentava o problema em análise: “Ele era servil, então, servia de exemplo de servilismo para os outros. Eles ameaçam dizendo que coisas piores podem acontecer. Uns eles levam à loucura, outros à deformação do perispírito, e com isso vão colocando medo nos outros, formando um grupo, um verdadeiro exército manipulado pela mente, pelo medo, pelo remorso”.

O MATERIALISTA

Parece, a princípio, contraditório falar em doutrinação de materialistas, porém, eles também povoam o Além e irão se manifestar trazendo muitas dúvidas. Afinal, tentemos entender o que passa na mente daqueles que, acreditando existir o Nada além da morte, têm que enfrentar o inexorável processo de degeneração celular. Um dia todos os corpos morrem e o corpo do materialista também, só que ao invés do nada, ele encontra-se vivo. Intimamente, sabe que “morreu”, mas se sente vivo, ou seja, sua razão lhe diz que não “morreu”. Sente as mesmas sensações de quando “vivo”: fome, sede, cansaço, sono... Então, pensa: “Estou vivo”. Mas as pessoas não mais o reconhecem, invariavelmente está só, ninguém surge, nem mesmo para atormentá-lo, ninguém se dirige a ele. Os encarnados não o percebem mais, então pensa novamente: “Estou louco!”. É mais ou menos este quadro que vai enfrentar o doutrinador.

Numa determinada ocasião, um Espírito foi percebido pelos médiuns observando o trabalho de uma certa distância. Foi lentamente se aproximando até que, em determinado momento, sentou-se à mesa e ouviu a conversa sobre o Evangelho. Na parte “prática” dos trabalhos, incorporou perguntando: “Senhor, o que devo fazer para cruzar esta ponte?” A princípio, o doutrinador não entendeu e a conversa prosseguiu. Após algum tempo, suas dúvidas foram entendidas. Estava vagando desde o seu desencarne, buscando explicação para sua situação, “cruzando pontes e percorrendo caminhos”, sem encontrar a resposta. Não entendia porque as pessoas não conversavam com ele e estava um pouco surpreso com o fato de poder dialogar conosco. Não percebeu que estava ligado ao médium. Queria respostas e dizia-se preparado para “tudo”. Queria apenas a verdade. Neste momento, percebe a presença de um menino e pergunta: “O que este menino faz aqui?” O doutrinador lhe fala que ele é que vai lhe explicar a situação. Fica um pouco chocado e questiona como um menino poderia ensinar alguma coisa para ele. Aos poucos vai se recompondo e diz: “Está bem. Eu disse que estava preparado para tudo e estou. Eu vou com ele”.

Lidar com aqueles que limitam a Vida a um fenômeno que se inicia por ocasião do nascimento e se estende apenas até ao túmulo, é complicado. O doutrinador não deve achar que bastará, nestes casos, dizer a eles que a morte não existe e o problema estará resolvido. Acostumaram-se a pensar no Nada após a morte durante anos e relutarão bastante antes de aceitar a Verdade que choca os seus sentidos. Mas, como dizia Jesus, não basta ter olhos e ouvidos, é necessário ver e ouvir. Deveremos, então, cuidadosamente, ensiná-los a ver e ouvir e, principalmente, a sentir que não estão sós, que o Deus que eles relegaram à conta do Acaso é um Deus de Amor, que não quer que nenhuma “ovelha” fique perdida e que anseia pela volta do “filho pródigo”. Deveremos sempre falar do futuro, das novas oportunidades que se desdobrarão à nossa frente. Será muito importante lembrar aos nossos irmãos que somos filhos do mesmo Pai e estamos caminhando juntos em busca da Paz.

O DIRIGENTE DAS TREVAS

Sob este título poderemos designar um imenso grupo de pessoas que desempenham funções bastante diversas. Hermínio Miranda, no seu livro **DIÁLOGO COM AS SOMBRAS**, analisa detalhadamente a estrutura da pesada hierarquia existente nestes grupos que atuam nas Trevas. Não vamos repetir este estudo. Poderemos, contudo, observar ao longo dos anos como a faixa de atuação de cada grupo é diferente (como se existissem áreas demarcadas) e, conseqüentemente, como a forma de atuação é variada. Raramente, em qualquer situação, receberemos os dirigentes máximos das Organizações. Eles só se apresentarão no caso de uma transformação “súbita” de alguém importante dentro da estrutura da Organização ou quando o seu grupo está em vias de desagregação. De qualquer forma, seu comparecimento não deverá trazer preocupações (embora sempre deva existir respeito), e sim, a consciência de que o trabalho, com a assistência dos nossos mentores, vem atingindo o objetivo.

Alguns chegarão até nós agressivos e irônicos. Não deixarão espaço para o diálogo, falando sem cessar. Serão comuns termos como: Cordeirinhos, Anjinhos, Santinhos e etc. Raramente estas pessoas virão desacompanhadas, mas, muitas vezes, após alguns minutos, perdem seus companheiros de vista e se desconcertarão. Neste ponto começa a surgir a abertura para o diálogo, mas o doutrinador não deve guardar a ilusão de que estes poucos minutos de um primeiro contato, provocarão um efeito fulminante, implicando na “conversão” de todos aqueles que chegarem. Há casos em que será o trabalho de anos.

Outros Espíritos há que nos consideram medíocres. Certa vez nos encontramos com um companheiro que, a princípio, se colocou da seguinte maneira: “Vocês são muito medíocres. Uma pequenez que não tem cabimento. Não é deste jeito que vocês vão conquistar a felicidade. Se eu pudesse falar algumas palavras que aqui eu não posso falar! Por isso vocês são ridicularizados. Vão viver a vida de vocês! Vocês poderiam desenvolver sua inteligência de outra forma. Vocês têm muita sabedoria e não vêem nada!” Depois do impacto inicial, mudou o rumo da conversa visando “conquistar” o grupo, fazendo propostas: “Eu posso ensinar todo o trabalho de Magia para trabalhar mentes. Eu sou mestre em várias técnicas orientais. Trabalha-se corpo e mente. Eu vim me oferecer. Eu vim aqui pra montar um trabalho. Pode ser só uma tentativa. Neste trabalho, atenderíamos pessoas desequilibradas e em duas ou três reuniões, eles sairiam curados”. O diálogo prosseguiu e ele tinha sempre uma resposta preparada para defender a proposta que trazia. Todos os participantes do trabalho seriam acolhidos por seu grupo quando desencarnassem, ocupando posição de destaque na estrutura. Teríamos, enquanto encarnados, poder e facilidades. Dizia: “Vocês vão ficar importantes. Todo mundo vai ficar importante. O médium que trabalhar comigo vai ficar importantíssimo. Iriam até se abaixar e beijar seus pés”. Na medida em que se sentia mais seguro, desdobrava sua proposta: “Já tenho tudo estruturado. Já tenho o local para este trabalho (havia percorrido o Centro), a vestimenta de

cada um, o local para colocar o fogo eterno...” Como devemos nos vigiar diante dos desdobramentos destes contatos com o invisível! Como o poder pode desnortear os homens!

Agressivos ou “amistosos”, ameaçando ou fazendo propostas, não devemos nunca nos iludir com relação aos seus reais objetivos. Avaliaram o grupo anteriormente, estão preparados para o diálogo, são extremamente capazes e, neste momento, sentem-se acuados. Estão preocupados com o desdobramento dos trabalhos já que suas conseqüências trazem dificuldade para a manutenção da situação vigente e que eles não desejam que seja alterada.

O trabalho será penoso, lento, mas a consciência de que “dentro de cada um existe um coração que pulsa”, deve nos acompanhar sempre. “Nenhuma ovelha será perdida”, dizia Jesus. Cada uma dessas “ovelhas” cegas pelo Poder, voltará ao rebanho e nós poderemos contribuir, um pouco, para este retorno. Como nos disseram os Espíritos na Codificação da Doutrina Espírita: Fomos criados simples e ignorantes e a nossa destinação final é o Bem!

8 – A QUEM MAIS SÃO ÚTEIS ESTES TRABALHOS?

Ao tratarmos da importância da doutrinação dos desencarnados por encarnados, no capítulo 2, tentamos mostrar em diversas fontes mediúnicas ocasiões em que este trabalho foi utilizado. Abordou-se o caso de Gaspar, o hipnotizador, que Gúbio, no livro LIBERTAÇÃO, desejando despertá-lo, encaminhou-o a um grupo de desobsessão. Lá ele foi doutrinado, e o objetivo, atingido. Este recurso é útil aos amigos desencarnados que, freqüentemente, utilizam-se da mediunidade para conseguir despertar entes queridos em desequilíbrio e auxiliar outros irmãos necessitados.

Em uma determinada ocasião, manifestou-se, no nosso grupo de trabalho, uma mulher que se mostrava extremamente arrogante. Falou da “hipocrisia” do grupo e não entendia porque tinha ido até a reunião e assistido a tudo (a reunião de 90 minutos de duração estava no final). Foi iniciado o diálogo, o qual caracterizou-se pela sua insistência em permanecer incorporada a despeito do término da reunião. Após algum tempo, outra médium, participante do trabalho, percebeu a presença de uma jovem próxima à irmã incorporada, que apresentava muita semelhança com esta e que se identificava como Adalgisa. A médium, então, dirigiu-se à rebelde visitante e perguntou: “Quem é Adalgisa?”. Ela ficou agitada e recusou-se a responder. Aos poucos, porém, acabou cedendo, emocionou-se e concordou em seguir com ela. Os dirigentes do trabalho contaram, então, que ela havia sido mãe de Adalgisa, participante do grupo, e por erros cometidos em diversas vidas encontrava-se em profundo desequilíbrio. O meio utilizado para este reencontro foi psicofonia, já que ela se mantinha refratária às tentativas de comunicação da filhas.

Um outro caso interessante refere-se a um irmão que se manifestou revoltado, dizendo-se incomodado com o trabalho desenvolvido pelo grupo. Inicialmente agressivo, com o desenrolar do diálogo, viu desmoronar o mundo de ilusões criado e, diante da enorme tarefa de reconstrução de sua vida que se descortinava, sentiu-se incapaz de prosseguir. Apesar de todos os esforços, mantinha a barreira. Afirmava não conseguir perceber a presença de nenhum dos amigos que o doutrinador mencionava e a tensão aumentava, visto que o momento crucial, a gota d’água para transbordar o copo de angústias de nosso irmão, extravasando seu sofrimento, não surgia. Manifestou-se, então, através de outra médium, um amigo de Jeziel, dizendo: “Jeziel, escuta. Olha pra frente. Siga-me, por favor. Eu tento conversar com você, mas você não me ouve! Você pode seguir a Luz. Venha conosco”. Era a gota d’água, a barreira foi rompida, e Jeziel encontra-se hoje em trabalho de reeducação, visando utilizar todo o seu potencial na prática do Bem. Tanto havia se tentado, e graças à Providência Divina, o objetivo foi alcançado, utilizando-se a ferramenta singela da mediunidade.

No livro MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, o autor fala da importância da palavra humana e do contato com o corpo físico, no caso de Espíritos em desequilíbrio. Ele ressalta que este trabalho funciona, com o auxílio dos Mentores Espirituais, como o necessário esclarecimento que é oferecido por estes mentores, àqueles que já apresentam lucidez. Quantas vezes temos observado manifestações nas quais o irmão incorporado não consegue perceber ninguém fora do mundo de desespero que criou. Revive cenas onde seu sofrimento se repete e multiplica, incapaz de registrar o auxílio externo que a Bondade Divina não deixa faltar. E quantas vezes, vemos, após alguns minutos de incorporação, esses nossos amigos saírem do ciclo de Dor e perceberem os amigos espirituais presentes. É claro que esses breves minutos não significam a solução dos aflitivos problemas que podem se arrastar por décadas, mas certamente, aliviam um pouco o sofrimento destes nossos irmãos.

Citamos aqui alguns casos onde percebemos a utilidade das reuniões de doutrinação para os encarnados. Muitos outros casos existem. Sabemos que este não é o único recurso que a Sabedoria Divina possui para solucionar os intrigados problemas criados pelos desvios humanos, mas é um bom recurso, um caminho que mostra como a solidariedade pode se estender entre os dois planos da Vida.

9 – QUE ERROS DEVEMOS EVITAR?

Tratando do assunto doutrinação, André Luiz diz que “a conversação será vazada em termos claros e lógicos, mas na base da edificação, sem qualquer toque de impaciência ou despreço ao comunicante, mesmo que haja motivos de indução ao azedume ou a hilaridade. O esclarecimento não será, todavia, longo em demasia, compreendendo-se que há determinações de horário e que outros casos requisitam atendimento. A palestra re-educativa, ressalvada as situações excepcionais, não perdurará, assim, além de dez minutos”. Temos aí, todo um programa para o exercício da doutrinação, nos orientando com relação a vários erros que devem ser evitados.

Estamos, sem dúvida, muito longe da perfeição. Estamos, até, muito longe do que sabemos ser correto (nossa prática continua muito distante do nosso discurso) e levaremos muitos dos nossos problemas, dúvidas e vacilações para o trabalho de doutrinação. Nosso dia-a-dia ainda interfere muito em nosso mundo íntimo, predispondo-nos positiva ou negativamente para as diversas situações que a Vida nos apresenta.

As dores, os dramas que se desenrolarão na nossa frente, nos comoverão até às lágrimas, e frases ficarão presas em nossas gargantas. Inúmeras vezes nos faltarão palavras. A carga emocional a que estaremos submetidos é grande. Afinal, são conflitos seculares.

O que pensar dos nossos amigos em desequilíbrio, então? Nós estaremos sob a influência de suas dores, mas eles, as estarão vivendo. Trazemos problemas sim, mas devemos nos organizar para que eles não se constituam em fatores de agravamento das dores daqueles que já estão sofrendo tanto. Como mencionado anteriormente, não estamos falando de perfeição. Estamos falando de se evitar os erros, quanto mais erros pudermos evitar, melhor.

Trataremos, agora, de diversas situações. Não pretendemos abordar todas as situações possíveis nem afirmar que as soluções propostas sejam as melhores. Elas, dentro da nossa experiência, apresentaram bons resultados. Nunca é demais repetir, entretanto, que cada caso é um caso, e o doutrinador deverá estar atento de modo a “sentir” qual o melhor caminho a ser trilhado para minimizar a dor daqueles que chegam até nós.

À pergunta: “Que erros devemos evitar?”, responderemos: “Todos”. Devemos buscar uma perfeita sintonia com nossos mentores, tornando-nos fiéis intérpretes de seu pensamento, irmanados neste objetivo de auxiliar a quem sofre.

“VOCÊ ESTÁ MORTO”

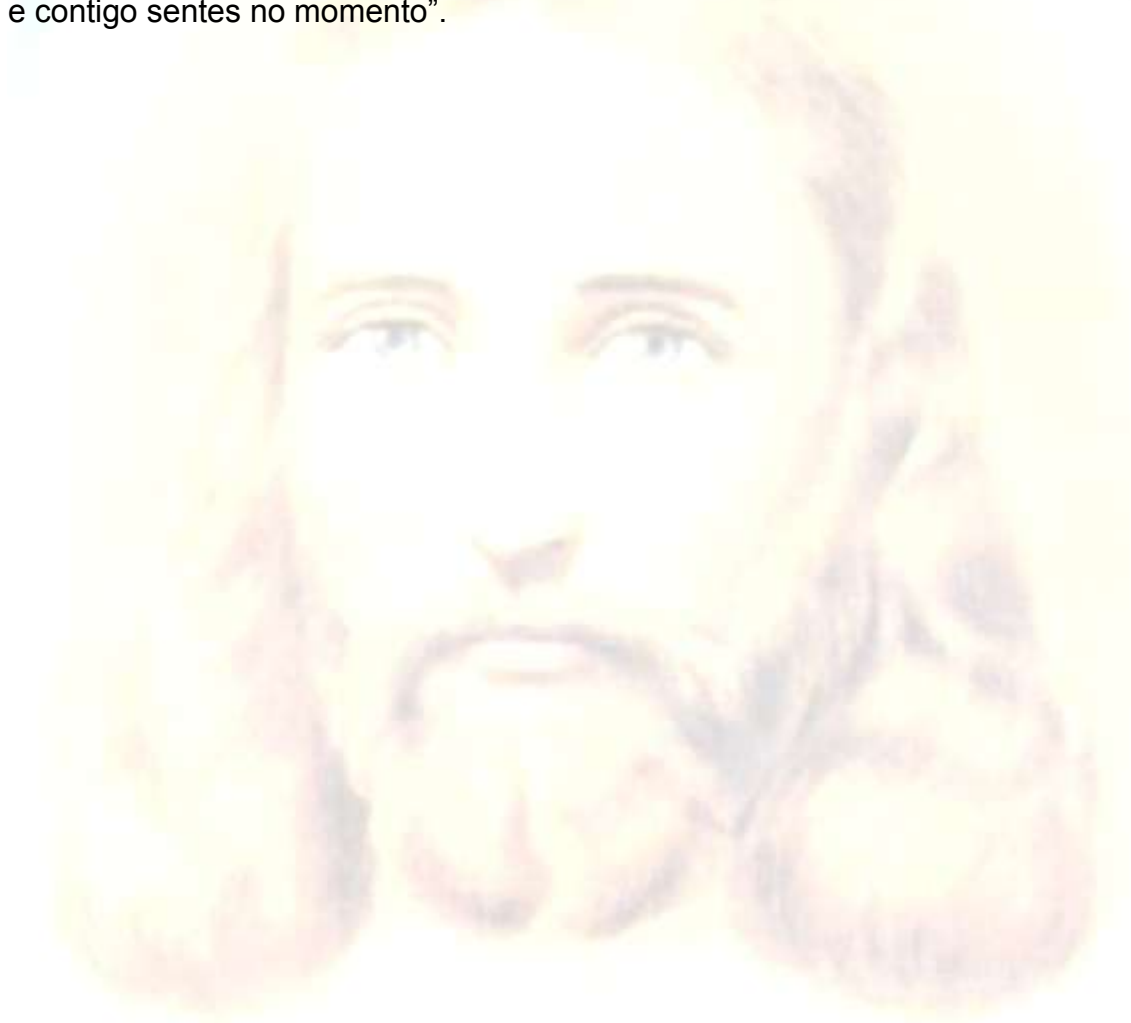
Surgem muitos Espíritos nos trabalhos de doutrinação que não sabem que já estão desencarnados. Estão muito confusos e não conseguem organizar suas idéias. Ficam extremamente assustados com a afirmação de sua morte. Associaram a idéia de morte à do nada ou a de um suplício/gozo eterno e não encontraram nada disso. Não conseguem entender a situação em que estão vivendo, o desprezo dos “vivos”, as figuras estranhas. Continuam apresentando as mesmas sensações de fome, sede, frio, etc, e as associam à vida física, em função de seu desconhecimento acerca de seu perispírito, o qual funciona como o veículo das sensações.

Resistirão com firmeza à idéia da morte. Devemos evitar, portanto, expressões do tipo: “Você está morto, meu irmão”. Eles não têm o conhecimento da Vida que os permita entender esta afirmativa. Percebem-se vivos. Para eles, a morte seria o fim. O doutrinador pode, nestes casos, assumir duas atitudes básicas. A primeira seria auxiliar este irmão doente, encaminhando-o a um Hospital no Plano Espiritual sem abordar o delicado assunto de sua morte (problema bastante complexo no caso de suicídio e mortes súbitas, violentas ou não). Seria, então, tratado neste Hospital, familiarizar-se-ia com as pessoas envolvidas no seu tratamento, começaria a desconfiar de algumas coisas, e quando de volta em outra reunião, estaria muito mais receptivo à idéia e até curioso, querendo entender esta “estranha” situação. No livro E A VIDA CONTINUA, André Luiz narra a interessante estória de duas pessoas que desencarnam em função de problemas físicos e encontram-se num Hospital. No desenrolar do livro, podemos acompanhar as crescentes dúvidas de nossos amigos, até que se reconhecem “mortos” e “surpreendentemente” muito vivos.

A segunda postura, porém, que depende muito do estado do amigo desencarnado, seria a de explicar a real situação em que se encontra. Neste ponto, deve-se evitar falar de sua morte ou de seu estado de “morto”. Falaremos de sua Vida, sua Imortalidade. Falaremos do Pai de Misericórdia que nos criou imortais e nos oferece inúmeras oportunidades de vencermos nossos problemas e caminharmos em busca da Paz. Poderemos falar sobre o capote grosseiro que envergava chamado corpo. Enfim, começaremos falando da Vida e depois, então, mencionaremos que o corpo morreu.

No livro MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, Rosendo, um dos trabalhadores do Hospital que abrigava os suicidas recolhidos dos Vales de Sofrimento, numa determinada ocasião, deparou-se com alguém que enfrentava as mesmas dúvidas. À pergunta: “Estarei eu morto?”, Rosendo respondeu:

“Não, meu amigo! Não morreste! Não morrerás jamais!... porque a morte não existe na Lei que rege o Universo! O que se passou foi, simplesmente, um lamentável desastre com o teu corpo físico-terreno, aniquilado antes da ocasião oportuna por um ato mal orientado do teu raciocínio... A Vida, porém, não residia naquele teu corpo e sim neste que vês e contigo sentes no momento”.



“O HÁBITO DE JULGAR”

Temos todos uma tendência extremamente negativa, de julgar. Jesus, conhecedor da natureza humana, já nos aconselhava: “Não julgueis para não serdes julgados”. Não conseguimos, por vezes, separar o pecado do pecador e condenamos aqueles que erram, esquecendo-nos que eles estão doentes. Encontraremos dentro do nosso trabalho pessoas que, infelizmente, praticaram os mais terríveis atos. Precisamos urgentemente estabelecer a prática do Não Julgar.

No cotidiano, deveremos exercitar o não julgamento, buscando auxiliar, mesmo que seja “apenas” com nossas preces, aqueles que surgem diariamente nos jornais, nas televisões, nas ruas, como agressores. Eles são, na verdade, vítimas de si mesmos e de outros, já que estão criando para si um futuro de dor. Estão doentes e precisam ser ajudados. O Mal deve ser combatido, mas não seus embaixadores, pois eles estão cegos pela Ignorância.

Narraremos abaixo, um caso muito triste, daqueles que, se anunciado nos jornais, causaria muito constrangimento e a opinião pública se voltaria contra a mãe.

Nossa irmã se manifestou agressiva, apresentando, segundo descrição de outro médium, um estado físico deplorável, roupas rasgadas e sujas, dizendo:

- Bato mesmo, eu bato o quanto eu quiser. Eu sou mãe. Faço o que eu quero com estes três diabinhos. Bato até matar. Eu também apanhei muito.

Não queria conversa e relutava em estabelecer o diálogo com o doutrinador. Continuava repetindo as ameaças aos filhos. Com muita dificuldade conseguia-se imprimir um novo rumo à conversa. Nossa amiga, ainda agressiva, falou dos seus sofrimentos, da fome, da miséria. Permanecia cética com relação a nossa postura de apoio. Afirmava, com certa dose de razão, que “nunca” teve apoio em sua miséria, que a mesma sociedade que a condenava, abandonou-a.

O diálogo prosseguia, arrastado, sem muitos resultados objetivos, até que ela, surpresa, apontou para um canto da sala, dizendo:

- Olha ali o diabinho. Ô menino, o que você está fazendo aí? Tá todo limpinho, arrumadinho... O que você está aprontando? O que você quer, menino?

Deste ponto em diante, não participamos mais da conversa. Apenas observamos o encontro de mãe e filho.

- Genivaldo, ô Geni. Tira essa cabeça do meu colo, menino. Esta cabeça está me queimando. Menino...

Aos poucos foi cedendo, começou a chorar e acabou abraçando o filho. Acalmou-se após algum tempo e foi levada pela equipe espiritual para um local de repouso onde poderia repensar sua vida e, Geni, sorridente, voltou com a “professora” que o trouxe, para sua escolinha, feliz por ter “reencontrado” sua mãe.

Poderíamos perguntar: “Seria ela a única vilã?” Jesus tentou nos ensinar que o que deve ser combatido são as ações erradas, não as pessoas. Não devemos, portanto, dirigir nossas vibrações de angústia e tristeza e até de indignação, para os agressores. Eles precisam, e muito, de nossas vibrações de afeto. As causas de sua “doença” podem ser passadas ou atuais. Eles precisam do remédio do Amor. Remédio que Geni soube aplicar tão bem, sem uma palavra, com apenas um gesto.

“LONGOS DISCURSOS”

No trato com os desencarnados, observamos ocasiões nas quais o doutrinador faz um longo discurso, exortando o Espírito incorporado para o Bem. Muitas vezes, são discursos emocionados, eivados de bons sentimentos e que objetivam realmente auxiliar o amigo em desequilíbrio. Esta atitude, porém, é, em geral, contraproducente. O irmão incorporado necessita externar suas dores e dificuldades, deseja expressar até sua opinião sobre o tema evangélico analisado no início da reunião.

Em diversas oportunidades, já ouvimos Espíritos incorporados falarem algo como: “Por que vocês me chamaram aqui? Só vocês é que falam”. Outra situação que ocorre e deve ser evitada é a seguinte: Manifesta-se o Espírito e se mantém quieto. O doutrinador começa a lhe falar sobre suas dores, que ele vai melhorar, que deve ficar tranqüilo, que a morte não existe e etc. Após algum tempo, o Espírito retruca com uma dessas colocações:

- Você é maluco?
- Você está pensando que eu sou criança?
- Vocês são muito infantis!

No trabalho de doutrinação, o que se deve buscar é o diálogo. Devemos aprender a ouvir e a respeitar pontos de vista que estão baseados em séculos de experiência, mesmo que percebamos as incoerências e lacunas existentes nestas idéias. Normalmente, encontraremos pessoas com conceitos arraigados e que se consideram certas. Necessitaremos de paciência e muito tato. Não deveremos expor no “atacado” nossas idéias. Deveremos oferecê-las gradativamente, na medida da necessidade e capacidade de absorção de nossos amigos. De que adianta um longo discurso no qual a primeira frase proferida já não encontrou acolhimento no Espírito incorporado? E aqueles que se encontram ainda muito desequilibrado?

Se pudéssemos dividir os poucos minutos utilizados no processo de doutrinação dos desencarnados em fases, chamaríamos, sem dúvida, a primeira, de reconhecimento. Nesta fase, o doutrinador deve colher dados sobre a estória do amigo que lhe fala, tentando encontrar o melhor caminho até ele. Cada um traz uma estória diferente e será “tocado” por diferentes argumentos. Não existem condições de se padronizar este contato. O doutrinador, com muito cuidado, vai conseguir, aos poucos, compor o quadro dos conflitos íntimos, das atrozidades que nosso amigo carrega e, a partir daí, sentindo o problema e sob a assistência do Alto, vai alcançar o efeito desejado, que é minorar o sofrimento.

Não desejamos deixar a impressão, porém, de que o doutrinador não possa falar muito. Em algumas situações ele poderá até ser o único a falar. Algumas vezes, incorporam Espíritos que se recusam a estabelecer o diálogo, mas permanecem, em função da atuação dos mentores e do próprio médium, ligados a este, para ouvir as palavras do doutrinador. Conforme já mencionado ao longo do texto, cada caso é um caso. Cabe a nós, que nos propomos a exercer este trabalho tão gratificante, aprender a discernir entre as diversas situações que se apresentam, mantendo o desejo sincero de a todos ajudar.



“VOCÊ ESTÁ INCORPORADO NUM MÉDIUM”

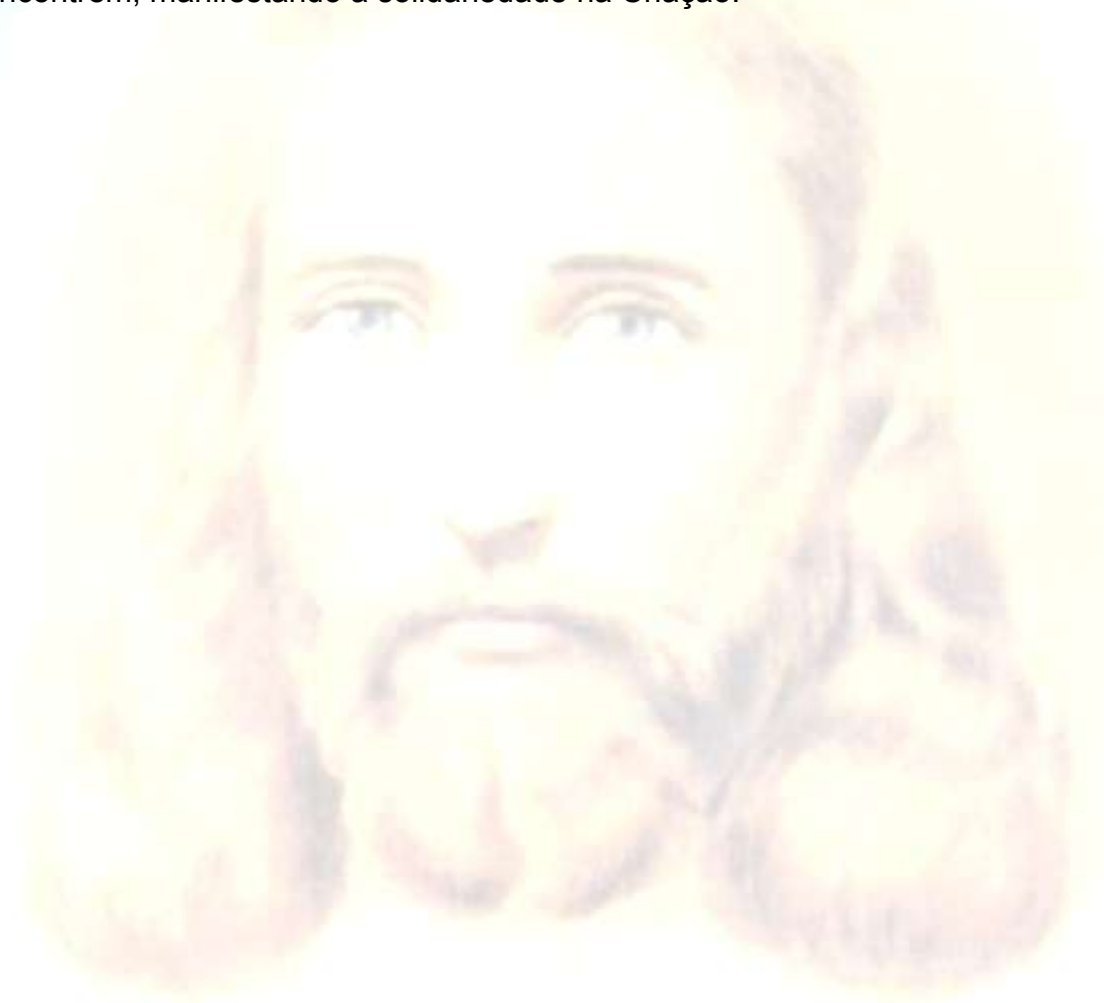
Esquecemos, com freqüência, que são raros os Espíritos que conhecem os termos utilizados por nós que já estudamos a Doutrina Espírita. Esquecemos que poucos Espíritos estão suficientemente equilibrados para perceberem algo mais que o mundo de desespero, o Inferno por eles próprios criados. Muitos conversam conosco e só depois de algum tempo se dão conta que estão conversando. Já ouvimos, após um longo diálogo, a pergunta: “Quem é você?”. Outros criam até situações interessantes. Certa vez, encontramos um amigo que fez esta mesma pergunta, mas logo em seguida, ele próprio respondeu: “Ah, é a minha consciência”.

Em quase todas as ocasiões, encontraremos Espíritos que só percebem a si próprios ou se percebem conversando apenas com o doutrinador. Seu mundo se resume a isso, trazendo, é claro, as tinturas de seu sofrimento, alternando, eventualmente, este diálogo, com a descrição de “monstros”, por exemplo. Nestas ocasiões, não conseguirão entender frases como: “Você está incorporado em um médium”. Não terão condições de perceber a presença do médium, verão a si mesmos no lugar do médium, mantendo suas próprias características, vestimentas, etc. Não conseguirão entender que o corpo que estão utilizando para conversar conosco não é o seu. Muitas vezes, questionados com relação à vestimenta ou aos adereços do médium, vão responder: “Você está louco? Eu tenho barba. Sou homem. Não estou usando brincos”.

É óbvio que estes argumentos não se aplicam a todos os casos. Existem Espíritos que estão acostumados com esse contato mediúnico, contato esse de que se servem em várias situações. Em diversas ocasiões, ouviremos reclamações acerca do desempenho de determinados “cavalos”, por parte daqueles que estão acostumados a dominar completamente os médiuns! Há ainda aqueles que são grandes conhecedores do processo mediúnico. Conhecem a Doutrina Espírita e trabalham para sufocar o seu desenvolvimento. Nestes casos, não há porque lembrar-lhes que estão incorporados, eles sabem, e sabem muito bem.

É, portanto, rara a situação na qual o doutrinador deva se utilizar de termos como incorporação, médium, desencarne, perispírito. O doutrinador tem que se fazer entendido e, para isso, é importante buscar no diálogo com nossos amigos, a melhor forma de mostrar-lhes que são imortais, que a morte aniquila o corpo, mas não aniquila a Vida, que prosseguimos nossa caminhada em busca do Infinito, em busca da Paz, em busca da implantação do Reino de Deus em nós.

Na medida que o diálogo transcorre ou em outra ocasião (no plano espiritual ou em reunião subsequente), aquele amigo que ainda não havia se conscientizado de seu estado, vai conseguir entender o singular fenômeno do qual participou, vai reconhecer que a Misericórdia Divina lhe abriu a maravilhosa porta da Mediunidade, que permite que os mortos e vivos se encontrem, manifestando a solidariedade na Criação.



“TRATAMENTO PADRONIZADO”

Como já foi focado anteriormente, no processo de doutrinação é fundamental saber ouvir. Isto não significa que o Espírito incorporado fale sempre. Às vezes, ele não quer ou não pode, porém, o doutrinador deve estar preparado para ouvi-lo quando ele desejar externar suas dificuldades e dores. É claro que o doutrinador não ficará ouvindo por horas a fio o desfilhar de problemas que o Espírito traga, mas deverá ouvir alguma coisa, oferecendo em troca, conceitos que possam servir para reflexão e amenizar o quadro apresentado. Ele, o doutrinador, não pode utilizar os mesmos argumentos sempre, independentemente do Espírito que se manifesta. Como sabemos, cada um traz uma estória completamente diferente e necessita, conseqüentemente, de um tratamento diferente. Quaisquer esforços que busquem a criação de um tratamento padronizado apresentarão deficiências graves, já que não atenderão para o fato de cada um ser uma individualidade complexa e diferente.

Não estamos nos referindo aqui, à forma como se recebe os Espíritos, à maneira de se dar às boas vindas por ocasião da incorporação. O doutrinador poderá neste momento agradecer a presença deste amigo, cumprimentá-lo ou utilizar a saudação que mais lhe aprover. À partir daí, porém, estabelecendo-se ou buscando estabelecer-se o diálogo, o encaminhamento será sempre diferenciado.

Existirão sempre casos semelhantes, na medida em que o tempo for passando e os casos se sucedendo, mas serão semelhantes, e não idênticos. O risco do tratamento padronizado é o mesmo da prece repetida. Deve-se ter um imenso cuidado, de modo a se evitar que apenas, despejemos palavras, sem realmente senti-las. No caso da doutrinação, este problema se torna mais crítico porque o sentir, na maior parte das vezes, vai significar a diferença entre atingir ou não o objetivo, entre “chegar” até o amigo ou permanecer distante dele, entre fazer-se irmão, ou, simplesmente, um cooperador que poderá até, parecer enfadado pela tarefa.

Não existem fórmulas mágicas nem procedimento padrão. Dirigir-se ao Espírito assim que incorpore, dizendo: “Sobe, sobe. Vai em nome de Deus”, não é doutrinação. Agir desta ou de forma semelhante demonstra um grande desconhecimento dos reais propósitos do trabalho e uma necessidade enorme de estudar esta Doutrina tão profunda e desconhecida, que é a Doutrina dos Espíritos.

“CONFRONTO”

Doutrinação nunca poderá, em hipótese alguma, ser encarada como um confronto. Não deverá, sob nenhuma circunstância, ser transformada num duelo de palavras. Qualquer ação neste sentido será extremamente contraditória e contraproducente. O desencarnado que chega para a doutrinação não é um adversário, não é um demônio. É alguém que necessita de ajuda. Ele pode até ofender, agredir com palavras, ameaçar, mas nós, que estamos buscando através do trabalho nos melhorar, não poderemos nunca nos desequilibrar.

Algumas vezes, o Espírito que se manifesta traz o desejo de estabelecer a polêmica e, dessa forma, conseguir fazer cair a vibração do grupo. Muitos são especialistas em técnicas para instalação do desequilíbrio. Conhecedores disto, tornamo-nos ainda mais responsáveis pela manutenção da serenidade no trato com os desencarnados.

Determinados autores até recomendam que o doutrinador não se sente em frente ao médium incorporado, de modo a se evitar a histórica posição de confronto, de duelo, frente-a-frente. Existem, sem dúvida, fundamentos neste conselho, porém, nossa maior preocupação deverá estar sempre focalizada no campo do pensamento. É aí que se instalará a polêmica, é aí que os pré-conceitos nos criarão dificuldades. Nunca é demais lembrar Jesus dizendo: “Orai e Vigiai”.

10 – AS ÚLTIMAS PALAVRAS?

Existe muito ainda por dizer, sempre existirá. Como, diante de um assunto tão complexo e maravilhoso, dizer as últimas palavras? Algumas considerações rápidas podem, entretanto, ser feitas:

- O trabalho de doutrinação, como qualquer outro, não é algo que esteja restrito às reuniões. O trabalho se estende por nossa vida, inclusive durante a noite. Por ocasião do desprendimento pelo sono, continuamos nossas atividades, buscando reconstruir o Bem ou dar vazão às nossas paixões, dependendo das nossas opções.
- Não devem existir preocupações com relação a resultados. Devemos estar conscientes de que podemos e devemos semear, mas que a colheita é do Pai. É claro que poderemos perguntar aos nossos mentores sobre determinados casos mais marcantes. É óbvio que ficaremos felizes quando recebermos boas notícias com relação a estes companheiros, mas devemos nos lembrar que, muitas vezes, a semente só vai germinar daqui a muitos anos, quiçá, até em outra encarnação.
- O importante neste trabalho não é contar a Verdade e sim, aliviar a dor, consolar. Existirá o momento certo para a Verdade. Não serão nos breves minutos da doutrinação que o Espírito que chega dilacerado pelo sofrimento, pelo remorso, por suas dúvidas, vai absorver toda a Verdade.
- A Assistência do Alto será uma constante nos trabalhos que desenvolvermos, desde que ofereçamos condições para que este auxílio se efetue. Os estudos constantes das obras básicas da Codificação e do Evangelho de Jesus nos oferecerão um roteiro seguro no que tange ao nosso comportamento dentro e fora das reuniões. Mantendo-nos, portanto, confiantes quanto à Assistência Espiritual, certos de que as tarefas que surgirão a cada reunião, estarão adequadas à capacidade do grupo. Não há o que temer.

BIBLIOGRAFIA

- Franco, Divaldo P. – Grilhões Partidos, Salvador: LEAL, 1974
- Franco, Divaldo P. – Loucura e Obsessão, Rio: FEB, 1990
- Franco, Divaldo P. – Nos Bastidores da Obsessão, Rio: FEB, 1970
- 1982 Franco, Divaldo P. – Nas Fronteiras da Loucura, Salvador: LEAL,
- Franco, Divaldo P. – Painéis da Obsessão, Salvador: LEAL, 1983
- Kardec, Allan – A Gênese
- Kardec, Allan – O Livro dos Espíritos
- Kardec, Allan – O Livro dos Médiuns
- Kardec, Allan – O Céu e o Inferno
- Kardec, Allan – Obras Póstumas
- Miranda, Hermínio C. – Diálogo com as Sombras, Rio: FEB, 1976
- Miranda, Hermínio C. – Histórias que os Espíritos Contaram, Salvador: LEAL, 1980
- Miranda, Hermínio C. – O Exilado, São Paulo: Correio Fraternal, 1985
- Miranda, Hermínio C. – A Dama da Noite, São Paulo: Correio Fraternal, 1986
- 1987 Miranda, Hermínio C. – A Irmã do Vizir, São Paulo: Correio Fraternal,
- Schubert, Sueli C. – Obsessão / Desobsessão
- Xavier, Francisco C. – Libertação, Rio: FEB, 1949
- Xavier, Francisco C. – Desobsessão, Rio: FEB, 1946
- Xavier, Francisco C. – Missionários da Luz, Rio: FEB, 1945
- Xavier, Francisco C. – Nos Domínios da Mediunidade, Rio: FEB, 1955